UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais

Murilo dos Santos Moscheta

Manoel Antônio dos Santos

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como
parte das exigências para a obtenção do título de
Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2004

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO TRADICIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DEDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA

Moscheta, Murilo dos Santos

Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais. Ribeirão Preto, 2004

145 p. : il. ; 30 cm

Dissertação, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Dep. de Psicologia e Educação.

Orientador: Santos, Manoel Antônio dos

1. Conjugalidade, 2. Homossexualidade, 3. Teoria *queer*

*Para meus pais,
fonte de todas as minhas letras*

AGRADECIMENTOS

*Não digas: Este que me deu corpo é meu Pai
Este que me deu corpo é minha mãe
Muito mais teu Pai e tua Mãe são os que te fizeram
Em espírito
E esses foram sem número
Sem nome
De todos os tempos
Deixaram rastros pelo caminho de hoje
Todos os que já vieram
E andam fazendo-te dia a dia. (...)*

Cecília Meireles¹

¹ Meireles, C. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p.133, 2001

Aos casais participantes desta pesquisa que tão generosamente acolheram meu trabalho e dividiram comigo suas experiências.

Ao Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos, pelo investimento e confiança e todas as nossas conjugações. Por de várias maneiras dar título a meu tema.

Às professoras Dra. Rosalina Carvalho da Silva e Dra. Marilene Grandesso, pelas contribuições e atenção generosa ao meu trabalho.

Ao Júlio César Tremeschin, por aquilo que dividimos e que, por isso, permanece inteiro.

Ao Marcelo Moscheta e Mateus Moscheta pela presença.

À Adriana Vilela Jacob, pelos lenços e risos divididos, e por que neles, maravilhado, me refiz.

À Anderson Luiz Jacob de Almeida por me acolher e correr comigo.

À Adriana do Vale Ferreira Bacci pela inestimável amizade.

À Martha Peinado, Luciana M. Garavello e Ludimila Bonfim pela amizade e trabalho compartilhado.

Às equipes do REMA e GRATA pela oportunidade de trabalho que fez do meu mestrado, muito mais que a produção de um texto.

Aos amigos do NEPP pelo estímulo.

À Sérgio Ishara e Carmen Lúcia Cardoso pela companhia e oportunidade de crescimento

À Marina Massimi por ter me apresentado de maneira apaixonada ao universo da pesquisa.

Aos amigos do grupo de supervisão da Dra. Lenise Azoubel pelo estímulo e generosidade.

Ao Amauri César Martins, que há pouco tempo chegou e em muito se faz presente.

À Denise A. J. Cremonezi pela paciência e atenção.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

RESUMO

MOSCHETA, M.S. **Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais**. 2004. 145f. Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. 2004.

O emergir deste novo século traz consigo mudanças significativas nas estruturas sociais, políticas e econômicas. Especificamente na esfera social, assistimos a reconfiguração dos modelos familiares, antes presos a estrutura patriarcal e nuclear, e hoje abertos a inúmeras possibilidades, dentre as quais os casais homossexuais. As discussões acerca dessas relações têm ganhado fôlego e visibilidade e seus debates transitam entre o campo político, jurídico, religioso, moral e científico. Observa-se uma relativa tendência dentro da academia e da prática psicológica de buscar uma postura não estigmatizante e preconceituosa. Em contrapartida, a literatura científica que trata do tema é escassa e os estudos nacionais são ainda mais raros. Neste sentido, este estudo qualitativo teve como objetivo conhecer de maneira aprofundada a experiência conjugal de casais homossexuais à luz das transformações da intimidade na contemporaneidade. Acredita-se que tal conhecimento pode oferecer subsídios para o planejamento e execução de intervenções psicológicas que considerem as necessidades e características específicas dessa população. Para isso, foram realizadas entrevistas abertas com seis casais homossexuais masculinos de Ribeirão Preto, constituídos de parceiros adultos com pelo menos três anos de coabitação. As entrevistas foram áudio-gravadas, transcritas na íntegra e submetidas à análise de conteúdo temática. Como complementação, foi mantido um diário de campo para registro de impressões e acontecimentos durante a fase de coleta de dados. A partir da análise do material pôde-se identificar que o processo de construção da relação desses casais é marcado pela busca de modelos de relacionamento em que ora leva a comparação ao modelo heterossexual dominante, ora culmina com o desenvolvimento criativo de um estilo particular de conjugalidade. Os casais relatam esforço de negociação das diferenças que emergem ao longo da história da relação e que demandam mudanças contínuas. Tais mudanças imprimem um caráter transformador à experiência conjugal. Os ritos que os casais desenvolvem atuam como forma de circunscrever os limites da relação, marcar o tempo e as fases compartilhadas e de oferecer segurança na medida em que produzem uma tradição confortante. Além disso, a relação homossexual é produzida em contínuo diálogo com as instâncias sociais que muitas vezes, por preconceito e discriminação, limitam e isolam a experiência conjugal, constituindo uma fonte de angústia. Nesse sentido, a ciência psicológica pode contribuir favorecendo a criação de espaços e contextos dialógicos onde esses casais possam encontrar apoio e auxílio na construção de seus relacionamentos.

ABSTRACT

MOSCHETA, M.S. **Making difference: conjugal intimacy in male homosexual couples.** 2004. 145f. Dissertation (Mastering). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. 2004.

The new century has brought meaningful changes in social, political and economical structures. In the social arena, we can notice a reconfiguration of familiar models, once bound to a nuclear and patriarchal standard, and nowadays open to several possible configurations, from among homosexual couples. The debate around such relations is getting louder and visible and its outcomes move in the political, legal, religious, moral and scientific fields. It can be noticed a relative bias either in the academic discussion or in psychological practice to search for a non-stigmatizing approach. On the other hand, scientific literature concerning this subject is scarce and national studies are even rarer. Thus, this qualitative study aimed at understanding the conjugal experience of male homosexual couples as part of the contemporary transformations on intimacy. We believe that such understanding can subsidize the planning and execution of psychological interventions designed to meet the specific characteristics and needs of this population. Six male adult homosexual couples from Ribeirão Preto with at least three years of cohabitation were interviewed. The interviews were audio-recorded, fully transcribed and submitted to a content analysis. A field diary was kept as a complementary form of data collection, in which impressions and especial events were registered. The interviews analysis shows that the process through which the couples construct their relations is marked by the search for relationship standards that either leads to a comparison to the dominant heterosexual model, or ends up in the creative development of a particular conjugal pattern. The couples report effort to negotiate the differences that emerges during the history of the relationship and that demands continuous changes. Such changes determine a transformative character to the conjugal experience. Rites developed inside the relationship works as forms of circumscribing the relations boundaries, marking time and stages and offering security once they produce a comfortable tradition. Furthermore, homosexual relationships are produced in a continuous dialogue with social instances that, often by prejudice and discrimination, constrain and isolate the conjugal experience, constituting a source of distress. In this sense, Psychology can contribute favoring the creation of dialogical contexts where these couples may find support in the construction of their relationships.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	09
1.1 Narrativas	09
2. INTRODUÇÃO	13
2.1 Arquitetura de desejos	13
2.2 Arquitetura doméstica	18
2.3 Arquitetura do pensamento	25
3. JUSTIFICATIVA	30
4. OBJETIVO E MÉTODO	32
4.1 História de encontros.	32
5. COMPREENSÃO	42
5.1 A relação conjugal homossexual: Revolução ou deformação?	42
5.2 Diferenças: ações, reações e deformações	46
5.3 Tempo: a história de um sonho possível	51
5.4 Encontros: transformações e esperanças	57
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	63

A p r e s e n t a ç ã o

NARRATIVAS

Organizar todas as experiências e reflexões vividas no processo desta pesquisa e descrevê-las no formato de dissertação foi uma tarefa árdua na qual tive de enfrentar grande resistência. Parte desta resistência reconheço ser devida às idealizações que povoavam minha mente acerca da “grandeza” desta tarefa. Outra parte vinha da sofrida experiência de leitura de algumas dissertações que me pareceram demasiadamente áridas, bem distantes daquilo que imaginava que a leitura, a escrita e a própria pesquisa qualitativa poderiam ser.

Acredito que a escrita do trabalho científico que trata das relações humanas pode ser cativante, sensível e calorosa. Ao ler uma pesquisa, procuro algo agradável e envolvente. Porém, ao reler os ensaios dos primeiros e sofridos parágrafos que inauguravam meu trabalho, constatei que de alguma forma um certo modelo de escrita científica, que muito me desagradava, parecia impor-se ao meu ideal de texto.

Identifico que descobri o universo da pesquisa e iniciei minha formação enquanto pesquisador dentro de um curso universitário que enfatizava os aspectos objetivos e racionais do conhecimento. Durante alguns anos, treinei-me a utilizar uma forma de escrita que correspondia a esses aspectos e configuravam um determinado “estilo científico”. Assim, ao mesmo tempo em que desejava desenvolver um estilo de escrita diferente daquele ao qual estava acostumado, reconhecia meus próprios limites e dificuldades. Essas dificuldades incluíam a falta de familiaridade com outra linguagem e o receio de como meu texto poderia ser recebido dentro do contexto de um programa de pós-graduação.

Felizmente, pude logo descobrir que muitos autores buscavam desenvolver diferentes estilos de escrever, narrar e relatar pesquisas. Tal descoberta permitiu-me ter a audácia necessária para apostar em meu próprio estilo de escrita, diminuindo meu bloqueio inicial e permitindo a continuidade da elaboração da dissertação. Também ofereceu consolo humilde, na medida que percebi que o que chamava de “meu estilo” não era tão original quanto eu temia e que, portanto, eu não estava sozinho.

Primeiramente, julgo ser necessário esclarecer que este estudo situa-se dentro de um referencial de pesquisa qualitativa, diferente do referencial quantitativo que por muito tempo imperou como sinônimo único de ciência dentro da Psicologia. As ciências sociais ofereceram à Psicologia uma grande ferramenta de conhecimento ao apresentar a metodologia qualitativa, ampliando as possibilidades de exploração e investigação. Assim, os dois referenciais, qualitativo e quantitativo, constituem diferentes posturas epistemológicas, que implicam cada uma delas em uma maneira

distinta de entender a realidade e, por conseguinte, uma forma de concebê-la – o que implica “construí-la”, e não apenas “conhecê-la”.

Uma vez que pertencem a contextos com regras distintas, a apresentação escrita do trabalho qualitativo segue, muitas vezes, regras que orientam a escrita distintas daquelas comuns ao trabalho quantitativo. Assim, enquanto este pode ser sistematizado por modelos comparativos respaldados em técnicas estatísticas, e apresentado, juntamente com o texto, em tabelas e gráficos que resumem e ilustram os resultados da pesquisa, o trabalho qualitativo não pode ser entendido ou representado da mesma forma, tendo em vista que seu sentido está restrito à totalidade do texto (Richardson, 2000).

De maneira análoga, os termos e expressões utilizados pelo pesquisador devem ser diferentes, para que mantenham a coerência com a postura epistemológica adotada. Os textos descritivos e impessoais, adequados para relatar pesquisas que se sustentam em conceitos como objetividade, neutralidade e verdade, não nos serve quando trabalhamos em pesquisas nas quais a inter-relação do pesquisador com o campo da pesquisa é mais fluida e dinâmica, considerando o envolvimento do pesquisador com o tema estudado, sua relação com as pessoas que participam do estudo e com o próprio conhecimento. Assim, a elaboração do trabalho escrito constitui uma etapa da pesquisa que deve estar em sintonia com as escolhas epistemológicas que orientaram todo o planejamento e consecução do projeto.

Em segundo lugar, considero que é comum a idéia de que a escrita do trabalho científico corresponde ao relato final de um processo e que, nessa medida, constitui mera descrição do conhecimento adquirido sistematicamente em etapas anteriores. Autores como Richardson (2000) descrevem o processo histórico que, a

partir do século XVII, construiu a separação entre a escrita literária e a científica. Em conformidade com os ideais da filosofia mecanicista, esta divisão tornou-se ainda mais precisa e clara no século XIX, reservando-se cada vez mais a linguagem ambígua, metafórica e pessoal ao tempestuoso universo passional dos artistas, na medida em que os cientistas preferiam utilizar uma linguagem mais coerente com seu mundo estático, simétrico e matematicamente organizado.

No entanto, a ciência pós-moderna considera que a escrita não é apenas uma forma de relato, mas um processo no qual o conhecimento é construído. O pesquisador não escreve sobre o que conheceu, mas, ao contrário, na medida em que escreve, conhece. Desta forma, as possibilidades que um pesquisador tem de pensar e refletir sobre o que estuda estão intimamente vinculadas a seu estilo de escrita, ou ainda, às leis que regem o “como escrever” governam também “o que escrever”. Vistos desta perspectiva, forma e conteúdo são inseparáveis. Minha decisão quanto à forma desta narrativa segue, portanto, minha compreensão acerca das possibilidades que tenho de explorar seu tema.

Compreender este processo de construção histórica da linguagem científica evidencia a íntima ligação entre tal linguagem e as posturas epistemológicas de seu tempo. A nascente ciência psicológica utilizou em abundância uma linguagem objetiva e distante em suas primeiras investigações. Os textos em terceira pessoa reivindicavam uma posição de neutralidade do autor e os relatos pormenorizados e detalhadamente tabulados e numerados eram formatados no anseio de imprimir uma dimensão matemática e “verdadeira” aos estudos. Penso que ao compartilhar esta postura científica, mais própria às ciências exatas, a Psicologia pôde abrir caminho e estabelecer-se enquanto uma nova ciência na era Moderna.

Por isso, hoje, com relativo respeito e reconhecimento já conquistados e participando de um momento histórico diferente, acredito que a Psicologia pode aventurar-se em novos modelos de investigação, que por sua vez requerem que lancemos mão de uma nova postura e linguagem. A ciência pós-moderna questiona a posição onisciente do sujeito neutro que relata a verdade. Ela não acredita na universalidade de uma teoria, método, tradição ou discurso, mas prima pela pluralidade e polifonia discursiva (Lincoln & Denzin, 2000)

O pós-estruturalismo rompeu com a idéia de que a linguagem refletia a realidade essencial. A escrita é, portanto, constitutiva, ou melhor, não há uma verdade pré-existente, mas sim diferentes construções discursivas que criam a realidade social. Esta criação é inter-subjetiva e situada dentro de um contexto sócio-histórico, impossibilitando qualquer pretensão de neutralidade. A autoria está sempre presente, não importa o quanto tentamos suprimi-la. Ela transpira pelas linhas do texto. E o texto, que não mais diz tudo a todos, é uma narrativa contextualizada e parcial.

Assim, a oposição da figura do cientista cerebral ao artista visceral parece perder significado no contexto pós-moderno. Inúmeros cientistas sociais utilizam cada vez mais os recursos poéticos e literários em suas investigações. Poesias, auto-etnografias, histórias-ficcionais, textos de performance, aforismos, apresentações visuais, alegorias e conversações são apenas alguns dos novos estilos de escrita da pesquisa social (Richardson 2000).

É dentro desta perspectiva que situo o uso relativamente freqüente de metáforas que permeiam a elaboração desta dissertação. Penso que a metáfora é o produto da luta entre a variada riqueza da experiência humana e as constrictões

impostas pela linguagem. A figura de linguagem surge, assim, não como um mero recurso estético, mas como um esforço de compreensão e tradução da experiência humana.

Por fim, o risco deste convite pós-moderno à proliferação de estilos, sobretudo de estilos mais pessoais e sensíveis, é de que o texto torne-se tão particular que fique restrito a um diminuto universo de leitores e *iniciados*. Contudo, se o objetivo de um autor é ser lido, seu texto não pode estar muito distante do universo simbólico convencionado e compartilhado por sua comunidade. Tampouco pode acomodar-se na mera repetição insossa e tediosa de clichês. Parece haver, assim, a necessidade de uma combinação ótima de criatividade e tradição, que permitiria a originalidade e a contribuição genuína, ao mesmo tempo em que preservaria o texto da chancela de uma genialidade inefável. Neste trabalho, busquei este equilíbrio com a ajuda dos critérios sugeridos por Richardson (2000):

Contribuição Verdadeira – diz respeito à contribuição do texto na compreensão, entendimento e questionamento de determinado tema.

Mérito Estético – refere-se à construção do texto enquanto obra literária, com valor estético e originalidade. Considera a possibilidade do texto de ser uma leitura cativante e interessante.

Reflexividade – questiona o conhecimento do autor acerca da epistemologia pós-moderna, sua capacidade de refletir sobre questões éticas, a expressão de sua subjetividade enquanto produtora e produto do texto produzido e seu posicionamento dentro do universo da pesquisa.

Impacto – avalia o quanto o texto é intelectual e emocionalmente impactante, considerando seu potencial heurístico e inovador.

Expressão de uma realidade – diz respeito à relação entre o texto produzido e o conhecimento já estabelecido. Este critério pode ser expresso da seguinte forma: “É possível acreditar neste texto?”

Espero ter justificado, neste capítulo, minha opção estética para elaborar a tessitura desta dissertação. Em resumo, esta opção coloca-se em sintonia com a postura epistemológica pós-moderna e com o referencial teórico sócio-construcionista e pós-estruturalista que adotei. E, uma vez que não considero este texto como o simples relato de uma pesquisa, mas sim parte do processo de reflexão, organização e construção do conhecimento, minha escolha estética fundamenta-se nas possibilidades de exploração que tal escolha me outorga.

Assim, espero ter indicado ao leitor que meu gosto e desejo por um texto dinâmico, humano, cativante e belo não são apenas expressão de romantismo, hedonismo ou narcisismo. São também exploração científica de uma dimensão da pesquisa que, felizmente, a pós-modernidade nos permite.

Introdução

ARQUITETURA DE DESEJOS

Um giro pelos canais de televisão nacional, um breve levantamento na Internet, uma observação atenta nos ônibus, ruas e lugares das cidades ou uma escuta interessada das conversas dentro das escolas e dos debates universitários, qualquer um destes já bastaria para constataremos o local de destaque da sexualidade em nossa sociedade. Está nas bancas de revistas, nos comerciais de tv, nos *néon* coloridos e cintilantes de guetos suburbanos, empilhada em montes nas livrarias, trasbordando dos artigos, *papers* e congressos. É disciplina dentro das escolas, tema axial dentro de consultórios, escândalo e tentação dentro dos templos. É política, é lazer, é saúde.

Nos dois últimos séculos, a sexualidade ganhou palco e foi esquadrihada e regulada pelos mais diferentes discursos e perspectivas. Multiplicaram-se suas formas de regulação e diferentes grupos reivindicaram o direito de dizer-lhe a verdade, o certo, o sagrado, o saudável e o são. Foucault (1979), ao analisar os mecanismos de poder e formação de sentidos afirma que a partir do cristianismo, à

sexualidade ocidental foram atribuídos significados de forma que esta passou a constituir o núcleo da “*verdade*” do indivíduo. Desta forma, os mecanismos da confissão, da insistência sobre a importância da “*carne*” e da produção de diversos discursos acerca da sexualidade, não apenas proibiram e vigiavam o sexo, mas também colocaram-no em posição privilegiada, no centro da existência humana.

A sexualidade foi “*produzida*” historicamente, ou seja, o sexo deixou de ser uma atividade destinada a reprodução e ao prazer e passou a considerar maiores dimensões da existência humana, ganhando contornos, definições, tomando uma forma e uma consistência e sendo administrado dentro de uma complexa economia de controle e produção do prazer e do saber. No centro da vida o sexo – não qualquer sexo, mas o sexo delineado, entendido, categorizado, formatado, examinado, diagnosticado e prescrito.

Mas como era entendida e vivida a sexualidade antes disso? Foucault (1997) afirma que até o final do século XVIII três grandes códigos regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a lei civil, e a pastoral cristã. As proibições e recomendações estavam circunscritas ao redor do casamento. A relação do casal era o foco das atenções, deixando em uma certa obscuridade tudo o que estivesse fora dela. A confissão católica enfatizava a importância da confissão e da obediência as leis que regulavam o casamento.

No Brasil colonial, por exemplo, os praticantes de atos sexuais condenados pela inquisição eram punidos por suas práticas não-naturais e inférteis, como por exemplo o sexo anal e oral. Por outro lado, a estrutura de produção da Colônia garantia e criava as condições que possibilitavam ao senhor de engenho abusar e explorar sexualmente de seus escravos, homens e mulheres. (Mott, 1985; 1986).

A organização da vida sexual na Grécia e Roma Antiga também oferece outro exemplo. Sartec (1986) descreve um conjunto de regras práticas que regulavam as relações entre os homens gregos. A maioria dos adultos eram casados, possuíam suas famílias, mas confirmavam seu prestígio social exibindo seus jovens amantes – homens impúberes que se uniam a um homem adulto em uma relação afetivo-sexual que marcava sua inscrição na vida adulta e social da cidade. As regras que regulavam as práticas sexuais diziam respeito muito mais ao contexto (público ou privado) do que ao desejo presente nas relações. Em Roma, as regras que regulavam as atividades sexuais referiam-se a atividade ou passividade do homem durante a relação. A passividade, compreendida como falta de virilidade, era condenada, uma vez que supostamente ameaçava a segurança e comprometia os interesses de uma sociedade guerreira (Veyne, 1986).

Em resumo, nestes três casos as práticas sexuais eram avaliadas segundo sua inscrição nos contextos públicos ou privados, segundo sua relação com os valores políticos imperialistas da nação, ou conforme o discurso católico hegemônico nas culturas ocidentais oitocentistas, segundo seu significado dentro da lógica da procriação.

A partir do final do século XVIII o discurso religioso é alterado e promove uma nova prática da confissão. Não é mais o ato sexual em relação à lei, mas sim o **desejo** da pessoa que está em questão. Por conseguinte, ao reposicionar o desejo dentro da experiência humana, ao olhar para ele como mistério insondável, ao advertir seus efeitos em tudo o que é humano, ao tentar trazê-lo a luz, ao forçá-lo dizer seu nome e descrever-se em minúcias, a confissão **criou** a noção de que nos desejos de um homem estaria sua mais íntima verdade. Inicia-se então a explosão

discursiva ao redor do sexo, ou como Foucault (1997) afirma: “O essencial é bem isso: que o homem ocidental há três séculos tenha permanecido atado a essa tarefa que consiste em dizer tudo sobre seu sexo.” (p. 26)

E fez isso de várias formas. Tanto o discurso médico, científico, religioso quanto a arquitetura, a moda, a decoração, as regras de comportamento, todos ofereceram suas contribuições na prolixa e barulhenta gritaria ao redor da sexualidade. E quanto mais falada, mais descrita e mais teorizada, mais verdadeira, natural, real e essencial ela se tornava, ampliando assim, as possibilidades de definições claras e definitivas.

A efervescente ciência moderna viu-se no dever de estudar o sexo, de entender seu funcionamento, as fases férteis, as formas seguras, o malefício das práticas interrompidas e dos exercícios solitários, as perversões e bestialidades. Cientistas produziram e organizaram um saber acerca do sexo, e a partir dele criaram categorias segundo as quais a identidade humana seria compreendida.

À medida que este rol de tipologias começa a ser descrito, vai ficando evidente o eixo que organiza essa constelação: a heterossexualidade procriativa e familiar burguesa. Em oposição a ela estaria a homossexualidade perversa, libertina e estéril. Criou-se um tipo humano distintivo, o homossexual. (Louro, 2001)

O primeiro registro histórico do uso da palavra homossexual data de 1869. Foi o escritor húngaro Karoly Maria Kertbeny (1824-1882) que utilizou a palavra em uma carta ao ministro da justiça da Alemanha opondo-se a proposta de criminalizar os atos sexuais entre homens (Jagose, 1996). Os juristas da época foram insensíveis aos argumentos de Kertbeny e aprovaram a lei em 1871. A partir de então, o termo foi apropriado pelo discurso médico do século XIX como uma forma de nomear,

condenar e estabelecer sua autoridade sobre esta questão (Katz, 1997). O termo “heterossexual” também foi cunhado neste momento para definir, a partir de uma perspectiva médica, as relações sexuais entre homens e mulheres. No entanto, o termo habitava o universo das anormalidades e patologias, uma vez que era utilizado quando tais práticas eram desempenhadas sem finalidade reprodutiva caracterizando-se como imorais. Exemplo disso é a definição do termo encontrada no Philadelphia Medical Dictionary de 1901: “heterossexualidade é o apetite anormal ou pervertido em direção ao sexo oposto.” e a definição do Merrian-Webster Dictionary de 1923 onde **heterossexual** era o termo médico utilizado para representar “Paixão sexual mórbida por alguém do sexo oposto.” (*apud* Katz 1997, p. 178, tradução minha)

As categorias homossexual e heterossexual são mutuamente necessárias, ou seja, a existência de uma é a condição necessária para a existência da outra, e vice-versa. A criação do *sujeito homossexual* e da *homossexualidade* foi, portanto necessária para a constituição de uma *heterossexualidade*, e a posição privilegiada e normativa que esta ocupa até hoje só foi conquistada através do posicionamento daquela como desvio, inversão e delito. (Costa, 1992)

Mas foi apenas a partir do final do primeiro quarto do século XX que a heterossexualidade conquistou sua posição privilegiada enquanto padrão de normalidade sexual. Para Katz (1997) a regularização do universo erótico imposta pelo discurso médico fez coro com os esforços da época em padronizar masculinidade e feminilidade, inteligência e trabalho.

A categoria heterossexual dos médicos proclamava um inédito separatismo erótico, uma nova ortodoxia sexual, que forçosamente segregava normais de pervertidos sexuais e posicionava hetero acima de homo em uma hierarquia erótica superior e inferior. Mas foi gradualmente que a idéia de que haviam tais

criaturas como heterossexuais e homossexuais emergiu do estreito domínio do discurso médico para tornar-se uma noção popular e de lugar comum (p.178, tradução minha).

Desta perspectiva, torna-se surpreendente observar como esta noção de indivíduos divididos em heterossexuais e homossexuais é uma construção tão recente, mas apesar disso, compõe a organização do imaginário sexual contemporâneo com tal vigor que ganha *status* de verdade essencial, a-histórica, imutável, constituinte e fundamental.

E vale a pena questionar (ainda que não tenhamos a resposta) porque dentre as várias possibilidades de diferenciar a atividade sexual de uma pessoa da outra (por exemplo, preferência por certos atos ou posições, zonas de sensação, tipos de pessoa, frequência, relações de idade e poder, de espécies, número de pessoas, etc.) justamente o gênero do parceiro foi eleito como critério inequívoco que resume uma identidade sexual. Ou ainda, por que é que a palavra “mastubador” atualmente perdeu seu poder de especificar um tipo distinto de indivíduo, enquanto que “homossexual” ou “heterossexual” permaneceram como categorias fundamentais na organização da vida sexual no ocidente? (Sedgwick, 1990)

Ainda que a resposta a estas perguntas permaneça obscura até o momento, bastante claros são os efeitos e implicações desta condensação da sexualidade. Os estudos científicos produzidos desde a criação das categorias homossexual e heterossexual enfatizaram o aspecto desviante da primeira. Baseados no paradigma positivista, os cientistas buscaram caracterizar, definir causas determinantes e prescrever terapias. A história da relação da ciência do século XIX e XX com a homossexualidade é uma história marcada pela discriminação, preconceito, autoritarismo, estigmatização e violência (Gamson, 2000).

Evidentemente, nem toda a ciência positivista contribuiu neste movimento patologizante da homossexualidade. Já em 1897 um grupo de médicos e intelectuais formaram o *Scientific Humanitarian Committee* na Alemanha, com a proposta de oferecer subsídios científicos capazes de contestar as posturas criminalizantes em relação à homossexualidade. O que fundamentava esta proposta era a crença de que a homossexualidade constituía uma condição inata ao indivíduo que configurava um terceiro sexo intermediário, capaz de combinar aspectos de masculinidade e feminilidade. (Jagose, 1996)

Em 1914 Havelock Ellis e Edward Carpenter fundaram a *British Society for the Study of Sex Psychology* que, apesar de suas posturas políticas pouco progressistas, apresentavam forte afinidade com os grupos de cientistas alemães e a teoria do terceiro sexo. As pesquisas de Kinsey na sociedade norte-americana das décadas de 40 e 50 contribuíram para a quebra de mitos acerca das práticas homoeróticas, do adultério e do sexo pré-conjugal, minando hipocrisias com toneladas de dados estatísticos e ampliando o espaço de conversação sobre estes temas (Louro, 2001).

No mesmo período a Mattachine Society iniciou suas atividades nos Estados Unidos, organizando o protótipo dos futuros grupos de militância homossexual. Neste momento, os chamados homossexuais começam a não só assimilar uma identidade imposta, mas também a reivindicar o direito de eles mesmos dizerem do que de fato esta categoria se tratava.

As pessoas do Mattachine perceberam que para desenvolver uma força de grupo minoritário, antes que se pudesse falar em mudanças de lei, era preciso começar a desenvolver um senso positivo de identidade que muitos gays não tinham (Clarke et al., 1997, p. 264, tradução minha).

A construção desta identidade individual permitia a identificação e inserção em uma comunidade de iguais, e é esta noção de comunidade que lança as bases para a organização da militância homossexual.

O levante de Stonewall em 27 de Junho de 1969 marcou com impacto a história do movimento homossexual nos Estados Unidos e ofereceu as condições para a reorientação de seus discursos. A partir de então as estratégias persuasivas foram trocadas pelas táticas de militância, que incluíam denúncia, oposição franca aos mecanismos repressores da sociedade e visibilidade (Jagose, 1996). A assunção pública da homossexualidade de um indivíduo tornou-se imperativo nos discursos desses grupos. A antiga metáfora do homossexual escondido e enrustido que se liberta de seus opressores através da revelação pública de seu “verdadeiro eu” é reeditada sobre a fórmula norte-americana do “*out of the closet*” (sair do armário). (Sedgwick, 1990)

Na década de 70 no Brasil, surgem também os movimentos organizados de militância homossexual, dentre os quais destaca-se o *Movimento Homossexual Brasileiro*, de 1977, o grupo *Somos* e o jornal *O Lampião*, de 1978. Alguns grupos buscavam a integração à sociedade, lutavam pela aceitação e assimilação. Outros defendiam a construção de uma sociedade e cultura à parte.

A chegada da aids no Brasil no início da década de 80 foi um elemento importante na organização dos grupos de militância e luta por direitos. A epidemia foi inicialmente associada de maneira contundente e incisiva à homossexualidade, acrescentando mais um distintivo (o de grupo de risco) à coleção de estigmas associados a ela. Os casos de preconceito e discriminação chegaram de maneira

explícita ao universo institucional, tendo médicos e hospitais negado atendimento a pacientes homossexuais infectados, e a polícia perseguido e agido de maneira violenta, justificada por uma deturpada lógica preventiva (Parker, 1994; Terto-Junior, 1996). Isto, e as condições político-sociais favoráveis do período (o Brasil deixava o claustro da ditadura e iniciava sua reentrada na democracia) fertilizaram os nascentes grupos organizados.

Desta maneira, vai-se delineando em terreno brasileiro uma comunidade definida, e com ela a urgência de afirmação. A questão em voga era assumir-se, expor-se e impor-se (Heilborn, 1996). Em semelhança aos seus precedentes estrangeiros, o que estes grupos fizeram foi tomar das mãos dos cientistas o direito de dizer quem eram, e passaram, eles mesmo a se definir.

...está certo, nós somos o que vocês dizem, por natureza, perversão ou doença, como quiserem. E, se somos assim, sejamos assim, e se vocês quiserem saber o que nós somos, nós mesmos diremos, melhor que vocês (Foucault, 1979, p.234).

Esta troca de papéis, na medida em que permitiu a conceituação positiva acerca da homossexualidade, resultou em um avanço contra a estigmatização e patologização. Porém, nada mudou em termos do mecanismo de poder em questão, pois a sexualidade continuava sendo o centro a partir do qual organizava-se o discurso. Foucault (1979) afirma que esses movimentos sociais se apropriaram do discurso científico acerca da homossexualidade através do uso inverso de uma mesma estratégia que conectava discurso, saber e poder. Desta forma, os efeitos destes movimentos foram amplos em questões de visibilidade e conquista de direitos, porém limitados ao questionar a noção de identidade sexual (Louro, 2001).

ARQUITETURA DOMÉSTICA

A noção de que categorias como heterossexualidade e homossexualidade não são essenciais ou universais, mas constituem produções históricas, permite-nos também questionar e investigar categorias como *família* e *conjugalidade*. Parto do pressuposto que a noção que temos de família, das regras que regulam sua formação e funcionamento, dos limites que definem seus contornos e das dinâmicas que animam suas articulações são resultados de intensos e complexos mecanismos de poder que, tal qual fizeram com a sexualidade, operam de maneira difusa e eficaz na criação de sentidos e instituição de uma norma.

Podemos assim perguntar: O que é um *casamento*? O que significa *vida conjugal*? Apesar da pluralidade e numerosa variação nas configurações familiares contemporâneas entendo que o padrão do casamento heterossexual, monogâmico e procriador, ainda permanece como norma de relacionamento entre as pessoas, seja para repeti-la, seja para confrontá-la ou subverte-la. Esta norma é o eixo a partir do qual pensamos e (des)qualificamos nossas relações afetivas e sexuais. Segundo a definição do dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, por exemplo, casamento é um

“vínculo conjugal entre homem e mulher” ou “união voluntária entre homem e mulher, nas condições sancionadas pelo direito, de modo que se estabeleça uma família legítima.” (Houaiss & Villar, 2000, p. 641). Esta definição a meu ver é bastante limitada, pois reduz ao universo formal e jurídico um conjunto de práticas e relações bastante complexas e abrangentes. Além do mais, é uma descrição estática que não apresenta uma dimensão cultural ou histórica.

Para Bolte (2001) as definições oferecidas pela sociologia e antropologia podem ser mais esclarecedoras. Segundo a *Social Science Encyclopidea*:

Casamento é definido como um relacionamento culturalmente aprovado entre um homem e uma mulher (monogamia) ou então entre um homem e duas ou mais mulheres (poligamia) no qual o intercuro sexual é geralmente adotado entre os dois parceiros e há, em geral, uma expectativa que filhos nascerão dessa união e gozarão do status de suas sociedade. Entretanto, essas condições de intercuro sexual entre os esposos e a reprodução de descendentes legítimos e culturalmente reconhecidos não são sempre cumpridas (apud Bolte, 2001, p. 28, tradução minha).

De acordo com esta definição, a vida conjugal pressupõe uma união entre um homem e uma mulher na qual grande importância é dada ao âmbito da procriação e do exercício da sexualidade. Entretanto, esta configuração de sentidos ao redor da conjugalidade é equacionada segundo critérios culturais e históricos. Partindo do pressuposto de que *vida conjugal* e *família* não são instâncias universais e essenciais, acredito que a melhor definição de tais categorias é justamente aquela que revela os processos históricos através dos quais foram criadas e os sentido de que foram culturalmente revestidas. Assim, proponho uma breve discussão acerca da história deste processo que instituiu o modelo de família heterossexual como norma unindo

homens e mulheres ao redor dos filhos e vinculando sua vida sexual ao universo familiar.

Para Costa (1992), esta disposição que restringe a vida sexual à ética da vida conjugal é uma produção histórica recente. Na Grécia ou Roma Antiga, por exemplo, as discussões acerca da ética sexual centravam-se muito mais nas relações que o homem adulto estabelecia com outro homem mais novo, embora não houvesse entre os dois nenhuma relação que poderíamos qualificar como conjugal, do que nas relações entre os casais compostos pelo homem e sua mulher. Havia uma divisão que posicionava o casamento ou a vida conjugal entre o homem e a mulher no âmbito privado, e o casal sexual, composto pelos dois homens, no âmbito público. Em Roma, onde mulheres, crianças, estrangeiros e escravos eram discriminados, o alvo das preocupações políticas, religiosas e morais era a relação entre aqueles “desiguais na ordem das gerações e iguais na ordem política.” (Costa, 1992, p. 79) Era muito mais importante discutir e definir as regras que regulariam o encontro amoroso entre um homem e um jovem, futuro cidadão com funções políticas e públicas na *pólis*, do que deter-se nos privados universos domésticos, onde o homem relacionava-se com desiguais.

O discurso cristão que começa a predominar a partir do século XVIII igualava a todos, homens e mulheres, adultos e crianças, senhores e escravos em uma natureza pecaminosa e carente de redenção. O pensamento liberal que ganha fôlego neste período e que constituiu as bases ideológicas das sociedades modernas colocava todos em situação de igualdade natural, responsabilizando cada um dos indivíduos por seus destinos pessoais (Vaitsman, 1994). Os indivíduos de alma

corrompida e pecadora deveriam encontrar no casamento a possibilidade de orientar para dentro da família, desígnio sagrado, seus desejos e impulsos mundanos.

Durante o século XIX, a explosão discursiva ao redor da sexualidade e das relações humanas ampliaram os sentidos atribuídos as ligações matrimoniais. O casamento transbordou os domínios dos laços de parentesco e do valor econômico da relação e articulou-se com os ideais do amor romântico, fundamental para a concepção do “lar” como lugar central na vida dos casais. Maridos, esposas e sua prole, unidos em um lar estável, seguro e equilibrado, recanto sagrado da intimidade familiar. A ciência moderna prescreveu as diretrizes que regulavam as práticas sexuais dentro dos casamentos românticos, enfatizando a responsabilidade, a procriação e o gozo controlado. (Giddens, 1992) Foi neste contexto que, aos poucos “a ética sexual masculina do uso dos prazeres e do cuidado de si” comum a Antiguidade “deu lugar à ética da virgindade e da castidade, da proteção à família, às esposas, às viúvas e às crianças” na Modernidade (Costa, 1992, p.79)

As transformações da sociedade capitalista industrial e urbana delimitavam novas configurações a família conjugal moderna: a produção passava a ser vista a partir da ótica do trabalho remunerado o que implicava em uma clara delimitação entre o universo público do homem trabalhador e o universo privado da mulher domesticada.

A família centrada nos filhos, na concepção de amor moderno e materno, na mulher rainha do lar e do pai provedor financeiro, dominaria então, senão as práticas, pelo menos a concepção burguesa de família a partir do século XVIII na Europa (...) e no Brasil a partir do final do século XIX (...) (Vaitsman, 1994, p. 31).

No Brasil, as mudanças ao redor do amor e do casamento operaram em um ritmo e sentido um pouco diferente devido a sua condição de colônia do império português. No período colonial brasileiro o Estado Português estava distante e ausente, favorecendo o fortalecimento do núcleo familiar brasileiro como unidade de poder e produção. Este núcleo era organizado ao redor da figura do homem branco que comandava mulheres, crianças e escravos segundo seus interesses e segundo os princípios da ética religiosa cristã. Os casamentos eram determinados pelos pais dos noivos privilegiando os interesses econômicos da família, e as regras que delimitavam o exercício da sexualidade e da afetividade entre o casal fundavam-se no ideário católico da procriação. (Costa, 1989)

As cidades brasileiras eram assim formadas pelos núcleos familiares que, sem muita limitação da metrópole, exerceram seu poder incontestes até meados do século XVIII. Porém, Portugal, percebendo o aumento de poder e autonomia da colônia buscou a partir deste período intervir de maneira mais efetiva de modo a garantir a ordem e o controle em suas terras. Naquele período os artifícios que Portugal utilizava para garantir seu poder eram basicamente repressores e punitivos, através das chamadas Ordenações, porém com poucos resultados satisfatórios. A tentativa da metrópole de utilizar as instituições já estabelecidas em terras coloniais, tais como a Igreja e o exército também se mostrou ineficaz. A Igreja recusava-se a oferecer seus serviços à metrópole, identificando-se muito mais a colônia. O uso do exército, por sua vez, constituía estratégia por demais arriscada, uma vez que implicava na militarização da população de uma colônia que já esboçava sinais de descontentamento e instabilidade política. Assim, a metrópole enfrentava o seguinte dilema: como levar os indivíduos a compactuarem com a ordem estatal imposta por

Portugal e garantir o poder e controle efetivo sobre a colônia, sem correr o risco de fortificar ainda mais os núcleos familiares e o poder patriarcal? Enfim, se era esta família poderosa que mais ameaçava os interesses portugueses era sobre ela que os dispositivos de poder e subordinação deveriam operar.

O contexto colonial oferecia mais uma justificativa de intervenção: a situação urbana era bastante caótica e carente de desenvolvimento. Diante deste quadro, a medicina higienista aliou-se ao poder da metrópole herdando o ranço da antiga oposição Estado x Família, e encontrando nesta última um inimigo a ser derrotado.

No curso do Segundo Império, sobretudo, a medicina social vai dirigir-se à família “burguesa” citadina, procurando modificar a conduta física, intelectual, moral, sexual e social dos seus membros com vistas à sua adaptação ao sistema econômico e político (Costa, 1989, p. 33).

A estratégia adotada não foi o confronto franco, mas a conquista do inimigo pela reconversão. As táticas de assalto à família incluíam a criação de interesses contraditórios que plurificassem e enfraquecesse seu núcleo e a promoção da submissão ao Estado através da garantia de benefícios como o prolongamento da vida, a persistência da prole e a saúde e felicidade do corpo.

Os médicos higienistas produziram e tornaram público uma série de conhecimentos acerca dos perigos e ameaças do estilo de vida da colônia. Os hábitos alimentares, os cuidados com as casas, a organização da vida doméstica, as práticas de criação e educação de filhos, as relações entre senhores e escravos, enfim, diversos aspectos da vida na colônia foram investigados, criticados e condenados. As regras claras e bem definidas que os princípios da moral cristã e da ditadura patriarcal definiam, foram trocadas pelas sutileza e refinamento do conhecimento

científico. As famílias, antes donas de poder e saber, gerentes autônomas de suas vidas ativas, ficaram cada vez mais perplexas diante do saber médico. Assustadas, tornaram-se dependentes das prescrições que lhes protegeriam e garantiriam a sobrevivência em um mundo tão ameaçador. A figura do pai era paulatinamente deposta a medida que o médico garantia sua função dentro dos lares.

A vida na colônia era modernizada e transformava com ela a arquitetura, a moda, as regras, funções e papéis sociais. Junto a essas mudanças externas, criava-se um novo indivíduo, agora dotado de uma fragilidade, sensibilidade e subjetividade particular.

O amor entre pais e filhos, abrigados por móveis de luxo, refeições sofisticadas e indumentárias bem-cuidadas, pôde então florescer. Da mesma forma, os espíritos rudes, as maneiras obtusas e as sensibilidades grosseiras foram transformados pelos corpos disciplinados, plenos de pudores morais e escrúpulos fisiológicos, em almas requintadas e romanticamente angustiadas (...) Privacidade familiar, conforto doméstico e interiorização dos indivíduos progrediram juntos, no mesmo compasso (Costa, 1989, p. 98).

Os escravos foram banidos do convívio doméstico, e a composição de famílias que congregavam indivíduos de diferentes graus de parentesco foi desencorajada. O amor romântico foi valorizado, estimulando os indivíduos a livremente escolher e encontrar aqueles que foram “feitos” para eles, com quem deveriam construir uma relação de afetividade, prazer sexual e criação de filhos (Vaitsman, 1994). A família tornou-se cada vez mais reclusa e nuclear. A sexualidade do casal higiênico deixou o universo exclusivo da procriação, tal qual ordenava a Igreja, e passou a incluir o prazer contido aos limites seguros e saudáveis da relação conjugal. Os filhos do casal eram tão amados no seio familiar quanto necessários para o desenvolvimento populacional que garantiria a ocupação das

terras brasileiras. Evidentemente, ao Estado interessava não somente a família fecunda, mas também a família responsável. Portanto, a medicina teve que definir precisamente os papéis dos homens e das mulheres nesta nova configuração doméstica.

Segundo a medicina higiênica, a mulher estava destinada a amar e ser amada. A característica que resumia sua feminilidade era a capacidade de gerar filhos. O homem deveria ser viril, provedor da casa e protetor. Homem e mulher estavam confinados em uma casa não mais espaçosa, cheia de gente, onde pouco se encontravam como era no período colonial. O amor aos filhos era o elo que unia e conciliava papéis e subjetividades tão distintos: homens brutos e mulheres sensíveis.

O homem colonial, proprietário poderoso de terras e escravos, a medida que vai se urbanizando vai também restringindo seu domínio ao lar, sobre a mulher e filhos. Na medida em que se ajustava ao papel de pai e esposo, recebia dos médicos a garantia de posse da mulher e do respeito sexual, centrais no machismo brasileiro. Compunha-se o modelo patriarcal da família nuclear brasileira que deveria funcionar como padrão de relacionamento conjugal até a segunda metade do século XX (Costa 1989; Vaitsman, 1994)

Porém, ao mesmo tempo em que o discurso romântico do século XIX aproximou o casal ao redor da busca de complementaridade e reciprocidade, instituiu valores como a livre escolha e o amor pessoal, germes da noção de individualidade moderna. A família que se construía assim, trazia em seu seio a contradição que a tornava frágil e sensível as mudanças do século XX.

A industrialização nacional, promovida pelo Estado brasileiro após os anos 30 contribuiu significativamente com a mudança no *status* da mulher dentro da

família. Ao mesmo tempo em que cresciam os postos de trabalho e a necessidade de mão de obra qualificada, a mulher abria caminho dentro das instituições de ensino. Aos poucos, elas foram deixando o universo restrito e privado do lar e começaram a ocupar posições de trabalho no mundo público, tornando cada vez mais evidente a imposição do poder masculino (Castells, 1999)

As transformações sociais foram se ampliando de modo que na década de 50 podia-se identificar:

(...) igualdade de status por parte da mulher e do homem; maior participação das mulheres em atividades lucrativas; aumento do controle de natalidade; aumento do número de desquites e casamentos com desquitados; diminuição da autoridade paterna e conseqüente diminuição das distâncias dentro de uma família; enfraquecimento dos laços de parentesco e, em resultado, uma mudança da família extensa para o grupo conjugal (Vaitsman, 1994, p. 62-63).

Nos anos 70 crescem entre a população estudantil os movimentos contra o sistema capitalista e contra o autoritarismo da ditadura. Criava-se uma atmosfera de questionamento e combate às repressões políticas, sociais e também familiares. As idéias de igualdade e liberação sexual ganham força e surgem os primeiros manifestos feministas organizados, como o *Brasil Mulher*, *Maria Quitéria* e *Nós Mulheres*. (Vaitsman, 1994) A família patriarcal perdeu seu poder hegemônico e outras configurações familiares, como por exemplo, a união entre os desquitados, as famílias monoparentais e os casais sem filhos, foram ganhando espaço e visibilidade.

Castells (1999) afirma, com base em numerosos estudos estatísticos, que no início deste século o modelo da família patriarcal composta pelo casal heterossexual e sua prole, e marcadas sobretudo pela instituição da autoridade do homem tem sido

progressivamente corroído, ao passo que os divórcios, lares chefiados por mulheres ou homens solteiros, as famílias sem filhos e outros arranjos familiares proliferam.

Além da entrada maciça da mulher no sistema de educação formal e a conseqüente reorganização da divisão sexual do trabalho, o desenvolvimento tecnológico e a valorização do individualismo também contribuíram com a erosão da ditadura do modelo familiar. A separação que a tecnologia reprodutiva possibilitou entre o sexo heterossexual e a reprodução libertou homens e mulheres do compromisso de formar uma família que garantisse a perpetuação da espécie. A ênfase nos valores individuais e as pressões econômicas favoreceram o crescimento de uma mentalidade onde filhos não estão incluídos na lista de prioridades (*DINK² families*). Tornou-se possível pensar que os casais homossexuais também poderiam constituir famílias.

A partir da década de 90 os padrões de relacionamento entre os homossexuais norte-americanos mudaram. Os casais tornaram-se mais estáveis, tanto devido a maturidade e envelhecimento de alguns quando em resposta a ameaça da epidemia de aids, contra a qual o relacionamento estável e monogâmico oferecia relativa proteção. Logo, homossexuais passaram a reivindicar o direito a serem reconhecidos como famílias, atacando pela inversão a exclusividade do modelo heterossexual e ao mesmo tempo reforçando a importância de uma construção social: a família. Neste sentido, Perlongher (1992) argumenta que também no Brasil, a homossexualidade revolucionária e contraventora nas décadas de 70 e 80, a partir dos anos 90 passa a ser assimilada e a compor o repertório de relações possíveis.

² DINK = double income, no kids (renda dupla, sem filhos)

Para Figueira (1987) a sociedade moderna (ou pós-moderna) capaz de assimilar e conviver com múltiplas possibilidades de relações familiares, incluindo a família homossexual, ainda é um ideal que não foi efetivamente alcançado. Para este autor o modelo familiar brasileiro encontra-se no intermédio entre o moderno e o arcaico, combinando os desejos e as possibilidades desobstruídos pelos movimentos de liberação sexual, porém com uma tradução prática que ainda reflete aspectos do modelo patriarcal³.

Cumprir pensar que o desejo de homossexuais em instituir famílias construindo um lar conjunto e possivelmente adotando (ou até mesmo gerando) filhos reflete a força do ideal de família em nossa sociedade. Assim, da mesma forma que afirmamos que a sociedade ocidental é heteronormativa, pois pressupõe que todos os indivíduos são, pelo menos a princípio, heterossexuais, podemos afirmar que a família é compulsoriamente colocada como ideal de vida, como se constituí-la fizesse parte de uma “certa natureza humana”. Boardieu (1996) afirma que apesar da família ser uma construção histórica e social, ela é instituída nas representações

³ Para Nicolaci-da-Costa (1985) a coexistência de modelos arcaicos e modernos de família pode ser entendida a partir dos processos de socialização primária e secundária. A primeira, se dá a partir do nascimento, sobretudo na relação da criança com seus cuidadores e ao longo do tempo, sedimenta uma visão de mundo no indivíduo que diz respeito a seu papel sexual, sua identidade, seu casamento, sua reprodução, família entre outros. Esta visão de mundo está em grande conformidade com a visão de mundo do contexto socializador e define a inserção social do sujeito no presente e futuro, na medida em que organiza uma série de experiências atuais e expectativas. A socialização secundária caracteriza-se pela inserção do sujeito já socializado em diferentes contextos cujo sistema simbólico oferecido apresenta algumas contradições com o modelo previamente interiorizado. Observa-se uma descontinuidade socializatória vivida como uma crise pelo indivíduo. Em resposta a esta crise, marcada pelo confronto entre os sistemas simbólicos oriundos das socializações primária e secundária, o indivíduo compõe um novo conjunto de representações que caracteriza-se pela conservação de alguns aspectos mais abstratos da primeira socialização e pela substituição de alguns de seus conteúdos concretos. É nesse sentido que a observação de Figueira (1987) pode ser compreendida: nossos ideais de família refletem as aspirações possíveis na pós-modernidade, porém impostos e oferecidos de maneira rígida, doutrinária e exclusiva. Em resumo, um conteúdo moderno em uma forma arcaica. Dentro dessa perspectiva posso entender que o “formato” ideal de família pode ser também colocado para os casais homossexuais de maneira rígida, determinando que o futuro dessas relações está inexoravelmente ligado a construção de uma união estável que cumpra ritos e regras

coletivas como natural e universal, e assim, cada indivíduo sente em maior ou menor grau a pressão de se adequar a esta norma. Adequar-se a ela é, portanto, poder gozar do “*lucro* simbólico da normalidade.” (p.130)

Neste sentido, o indivíduo homossexual estaria em maior conformidade como os padrões socialmente aprovados a medida em que vive sua sexualidade no âmbito privado, no íntimo de seu lar; a medida em que constrói uma afetividade além do sexo e assim reproduz a estrutura familiar dominante. Há quem veja nos esforços dos grupos de militância homossexual em busca dos direitos pela união civil esta insistência em adequar uma sexualidade revolucionária ao universo regular e normativo da heterossexualidade (Castells, 1999)⁴

No emergir deste novo século, família e homossexualidade, essas duas categorias construídas historicamente, se encontram e possibilitam a elaboração de um novo arranjo: a família homossexual. Como não poderia deixar de ser, este novo arranjo constitui-se na contínua troca entre as diferentes instâncias de poder que moldam, organizam, e rotulam. Neste contínuo movimento histórico modelos anteriores são invocados e reeditados a fim de se ajustarem a uma nova realidade.

oferecidos pelo modelo heterossexual, tais como, monogamia, criação de filhos, construção de um lar comum, entre outros.

⁴ O incômodo que o ajustamento da homossexualidade ao âmbito familiar gerou na década de 90 nos Estados Unidos foi tão intenso que novas culturas sexuais expandiram-se retomando o ideal libertário e revolucionário, ameaçado em ser domesticado no interior da família homossexual. Assim, os movimentos sadomasoquistas de São Francisco expuseram a necessidade de “destruir quaisquer valores morais que a sociedade heterossexual lhes tenha legado, já que estes valores têm sido usados tradicionalmente para estigmatizar e reprimir a homossexualidade e a própria sexualidade.” (Castells, 1999, p. 255).

ARQUITETURA DO PENSAMENTO

Como já apresentei aqui, saber, poder, discurso e sexualidade estão ligados em uma trama histórica que produz e gerencia a realidade social. Ao longo do tempo, os diferentes saberes e discursos acerca da sexualidade possibilitaram ou impediram determinadas construções subjetivas no interjogo entre sujeito, política e cultura. O mundo moderno fundado nos ideais iluministas, nas construções acerca homem cartesiano e na fé na possibilidade do conhecimento da verdade pela ciência moderna foi paulatinamente posto em suspensão. Teve início uma era de ceticismo e dúvida que exigiria novos conceitos e também uma nova “realidade”.

O homossexual criado no século XIX ganhou no século XX uma identidade ainda mais contornada através dos grupos organizados. Desde os grupos chamados homófilos até as organizações de militância, todos eles reforçaram a idéia de que

existia sim um sujeito homossexual, dotado de uma especificidade e de uma subjetividade particular. Os teóricos, pensadores e cientistas acompanharam esses movimentos e produziram conhecimentos que também retificavam a idéia de uma homossexualidade essencial. Ao tratarmos da história do pensamento do século XX acerca da homossexualidade, não podemos deixar de lado suas implicações no terreno político e cultural. Assim, no âmbito da homossexualidade, pensamento e militância estão intimamente ligados (Jagose, 1996).

Os primeiros grupos norte-americanos organizados de homossexuais pautavam-se no princípio da liberação. Era corrente a idéia de que a sociedade reprimia e limitava a experiência sexual desses indivíduos. Nesse período os pesquisadores estavam preocupados em mostrar a origem (muitas vezes biológica) das diferenças sexuais, enquanto que os militantes clamavam pela aceitação e compreensão de nossa íntima natureza sexual polimorfa. Posteriormente, na década de 70, a homossexualidade passa a ser pensada a partir de uma concepção étnica, ou seja, os homossexuais formavam uma comunidade a parte, diferente da norma social, mas semelhante dentro de seus limites enquanto minoria. A ênfase estava na construção de uma identidade de comunidade e na luta pelos direitos civis. No entanto, a construção desta comunidade foi feita por homens brancos, e reproduzia em seu interior a segregação de mulheres, negros e hispânicos. Logo esses novos marginalizados começaram a por em questão essa identidade homossexual tão promulgada. Iniciava-se uma crise na coesão do pensamento e militância homossexual e fazia-se necessário o desenvolvimento de uma teoria mais aberta a diversidade.

Neste contexto, alguns teóricos norte-americanos começam a produzir uma coleção de textos que pareciam ter em comum uma abordagem não essencialista da sexualidade e uma postura radical contra qualquer normatização, até mesmo a que se insinuava entre os próprios movimentos de homossexuais. Os termos *lesbian*, *gay* ou *homosexual* foram substituídos por um termo mais genérico, pouco restrito e bastante problemático: *queer*.

Os assim chamados estudos *queer* ganharam espaço a partir da década de 90 e o livro de Eve Kosofsky Sedwick, *Epistemology of the Closet*, de 1990, é considerado como marco fundador desta corrente teórica. O termo *queer*, pode significar exótico, estranho, diferente. É também a forma pejorativa de se referir a um homossexual em língua inglesa. O uso desta palavra para nomear a corrente teórica é portanto, uma estratégia: utilizar um termo reconhecido pelos efeitos de discriminação e diferenciação para justamente afirmar esta diferença.

Na verdade, atualmente o termo congrega sob si um grande número de pensadores e pesquisadores, bem como denomina uma série de grupos e políticas com algumas divergências entre si. Em comum está a idéia de que a sociedade é hetero-normativa e que se deve buscar posicionamentos contra qualquer tipo de normatização, seja ela através da imposição dos valores heterossexuais, ou através da assimilação e estabilização de uma identidade homossexual.

Como define Jagose (1996):

De maneira ampla, queer descreve os gestos ou modelos analíticos que dramatizam as incoerências nas relações, tidas como estáveis, entre sexo cromossômico, gênero e desejo sexual. Ao resistir ao modelo de estabilidade – que clama a heterossexualidade como sua origem quando na verdade é propriamente seus efeitos – queer foca nos desentendimentos entre sexo, gênero e desejo. Institucionalmente, queer tem sido associado a temáticas homossexuais, embora sua moldura analítica também inclua tópicos como travestismo, hermafroditismo, ambigüidade de gênero, e cirurgia de correção de gênero.

Tanto como performance de travestis quanto como desconstrução acadêmica, queer localiza e explora as incoerências nesses três termos que estabiliza a heterossexualidade. Ao demonstrar a impossibilidade de qualquer sexualidade 'natural', queer coloca em questão termos aparentemente não-problemáticos como homem e mulher. (p.3, tradução minha)

Entretanto, as raízes do pensamento *queer* vão mais além deste século e coincidem com as linhas históricas do pensamento pós-moderno congregando influências de autores como Althusser, Freud, Lacan, Foucault, Derrida e Saussure. Esses autores contribuíram com o questionamento da noção de uma identidade substancial, livre, esclarecida e individual, segundo concebia o modelo Iluminista.

A discussão que Althusser faz de ideologia como constituinte do sujeito enfraqueceu a idéia de uma consciência livre e pré-existente. As postulações psicanalíticas acerca do inconsciente trouxeram dúvidas sobre a estabilidade e coerência da subjetividade humana. Lacan, desenvolvendo as idéias de Freud, definiu a identidade como algo incompleto e mutante, muito mais como um processo do que como uma aquisição ou propriedade. Saussure questionou a função da linguagem como mero artifício descritivo, conferindo a ela um papel ativo, como constituinte da realidade social. Nossa identidade, subjetividade ou intimidade não seriam reveladas pela fala, mas sim, criadas pelo próprio código lingüístico.

A partir desses questionamentos, Foucault encontrou o contexto propício para o desenvolvimento de suas idéias acerca da criação sócio-histórica da sexualidade. A leitura da realidade que suas idéias promove, questiona as essências, desconstrói as definições e ultrapassa as polarizações. A inversão da lógica do senso comum de que o poder seria algo exercido por poucos sobre muitos, uma força que imperava através da instituição do interdito limitando a existência humana, possibilitou o

desenvolvimento de análises mais complexas, onde a força e o poder são concebidos de maneira positiva, como produtores de prazeres, saberes e seres.

Décadas mais tarde, Judith Butler desenvolveria essas idéias e apresentaria sua contribuição aos estudos de gênero. A performatividade ou performance são conceitos chaves dentro do pensamento de Butler, e permitiram uma nova conceituação de gênero e identidade. Para Butler (1990) gênero é uma ficção criada pela reiteração contínua de determinadas características culturais:

Gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos dentro de uma moldura regulatória altamente rígida que se congela ao longo do tempo a fim de produzir uma aparência de uma substância, de tipo natural de ser (p.33, tradução minha).

E desta forma, identidade é definida como “performativamente constituída pelas expressões que são tomadas como seu resultado.” (p.25, tradução minha) Gênero e identidade são efeitos performativos e não guardam nenhuma relação com uma suposta natureza intrínseca, essencial ou universal. No entanto, o conceito de performance de Butler não pressupõe um sujeito autônomo que deliberadamente “atua” um gênero ou uma posição subjetiva, como se escolhesse, a partir de um roteiro já conhecido, o papel que deseja representar no palco. Ao contrário, a performance não é algo que o sujeito faz, mas sim um processo no qual ele é criado através de sua contínua reiteração. O foco da análise de Butler está na compreensão de como estas performances criaram categorias excludentes e polarizadas com tamanha contundência que heterossexual e homossexual, homem e mulher, masculino e feminino, realidade e fantasia, verdade e ficção, tornaram-se entidades consistentes e hierarquicamente instituídas.

Para os teóricos *queer*, estas polaridades não são reais, são antes de tudo artificios criados para organizar o conhecimento, categorias que determinam corpos, desejos e atos, e produzem a ilusão de um sujeito coerente e estável, passível de definição através de rótulos de identidade, na medida em que é posicionado em um ou outro lado do binômio.

Assim, os questionamentos propostos pela teoria *queer* buscam o sujeito que se constrói através de discursos. Para Butler (1990) o reconhecimento não é dado a um sujeito, ele forma este sujeito. O discurso é constitutivo, é uma realidade literal, porém é a única realidade existente. O mundo social é um texto para ser lido, transcrito, de-escrito. Nominar, descrever, e categorizar, será sempre um ato que constrói a realidade, molda os corpos e orienta desejos. Desconstruir estas categorias, segundo a teoria *queer*, seria entendê-las como um texto que carrega consigo seu oposto sem o qual não existiria (Louro, 2001)

É esta desconstrução que permitiria a superação deste modelo binário e de seus efeitos de hierarquia, classificação, dominação e exclusão. Para isso, faz-se necessário alterar o foco das pesquisas: da compreensão das vidas, para o desvelamento da operação de categorias. Um exemplo desta inversão de foco pode ser encontrado em Seidman (1998). Segundo este autor a cultura *gay* americana pós-Stonewall organizou-se ao redor de um grande eixo a partir da década de 70: a assunção pública da homossexualidade, o *coming-out* (sair do armário). Ao invés de avaliar os efeitos do encarceramento de *gays* e lésbicas em guetos promovido pelas normas conservadoras e heterossexuais, a teoria *queer* analisa como o *closet* (armário) passou a ser o eixo determinante dos discursos e como tais discursos produziram a noção de indidentidades homossexuais. A pergunta feita não é como o

indivíduo homossexual pôde ter seu desenvolvimento dificultado por uma sociedade que restringia sua sexualidade ao anonimato e a clandestinidade, mas se embutidas nessas noções de anonimato e clandestinidade não estariam idéias implícitas de que existe um indivíduo homossexual que vive seu desejo com culpa, vergonha, prazer e sobretudo, que anseia pelo dia em que poderá manifestar a luz do dia seu (imaginário) eu, verdadeiro, absoluto e integrado.

É esta noção de identidade integrada que os teóricos *queer* questionam. Como vê-se no texto de Mendelsohn, a palavra identidade pressupõe repetição e estabilidade:

O substantivo inglês 'identidade' têm sua raiz no advérbio latino 'identidem', que significa 'repetidamente'. O Latim tem exatamente o mesmo ritmo que o inglês -- buh-BUM-buh-BUM -- um simples som repetido; e 'identidem' é de fato, nada mais que a duplicação da palavra 'idem', 'o mesmo': 'idem(et)idem'. 'O mesmo (e) o mesmo'. O mesmo repetido. É uma palavra que faz exatamente o que significa (Mendelsohn, 2000, tradução minha).

As dúvidas da teoria *queer* sobre a identidade estável e consistente estão em consonância com o pensamento pós-moderno. Afinal, que sentido há em se falar de identidade quando na verdade corpos e mentes são construídos em uma infinidade de inter-relações? Que valor tem a identidade quando a verdade é um efeito discursivo? Como se dariam estas relações e discursos em um mundo vertiginosamente veloz, globalizado e maciçamente bombardeado de textos, falas e sons? Qual identidade estável e segura posso ter se ela sempre depende de um interlocutor, se ela abarca instâncias inconscientes e ideológicas que nos são estranhas? Ou como perguntou poeticamente Carlos Drummond de Andrade (1993):

Como pode o homem
sentir-se a si mesmo
quando o mundo some?

A sintonia das idéias *queer* com a pós-modernidade garantiu seu sucesso e ampla disseminação, pelo menos no contexto norte-americano. O termo já transcendeu o universo acadêmico e tornou-se popular como um adjetivo que congrega, não só homossexuais, mas todas as possíveis “sexualidades não normatizadas”. Por outro lado, nem todos os pesquisadores e teóricos dedicados ao estudo da sexualidade compartilham das mesmas idéias que os teóricos *queer*. Weeks (1991), por exemplo, teoriza em uma linha oposta, salientando que existe sim uma identidade, mas que esta não é natural e sim produto de uma escolha voluntária. Weeks não desconsidera as determinações sociais, relacionais e históricas, mas define a identidade como um conceito estratégico:

Identidade pode ser talvez uma ficção histórica, um mito controlador, um fardo limitante. Mas é ao mesmo tempo um meio necessário para encontrarmos a saída de um mundo danoso e de uma complexa rede de relações sociais. Sem ela, parece-me, as possibilidades de escolha sexual não aumentam, mas diminuem (p. 574, tradução minha).

Neste sentido, a ambição da teoria *queer* de congregar sobre um mesmo termo uma imensa diversidade sexual é criticada e apontada como sendo de fato seu calcanhar de Aquilles, na medida em que dilui as especificidades. Em consequência da erosão da identidade, minguariam as possibilidades de identificação, criação de comunidades, e organização de movimentos de luta por direitos civis de homossexuais. Alguns teóricos de posturas mais essencialistas, vêem nisto manifestação perversa da hetero-normatividade, que quer devolver a

homossexualidade, seu status clandestino, disfarçado e invisível; uma reafirmação da homofobia centenária que pretende lançar uma minoria sexual de volta ao limbo e escuridão, de onde tão recentemente iniciou sua saída (Jagose, 1996). No contexto brasileiro tais críticas ganham novos contornos. Afinal, qual seria a vantagem política de uma estratégia que desconstrói uma identidade ainda tão prematura?

Creio que a desconstrução de categorias, portanto da homossexualidade, não opera no sentido de enfraquecer ou minar as estratégias de afirmação e lutas por direitos. Entender a historicidade da homossexualidade permite-me compreender a **criação** de seu oposto, a heterossexualidade. Ao pensar essas categorias como construções artificiais, possibilito o questionamento dos critérios que arbitrariamente privilegiaram uma a outra. A meu ver, a revolução do sócio-construcionismo ocorre na medida em que permitimo-nos compreender o mundo como uma ficção, onde os personagens foram arbitrariamente posicionados de maneira privilegiada ou não. E aquilo que é arbitrário, e não essencial, é também aquilo que pode ser transformado.

Desta forma, penso que a teoria *queer* pode ser uma ferramenta útil na promoção do desenvolvimento de pesquisas comprometidas com a criação de uma ficção menos sombria para os homossexuais brasileiros. E se a era moderna com seus preceitos científicos psicométricos criou verdadeiros indivíduos homossexuais exóticos e doentes, talvez a pós-modernidade, na medida em que favorece uma abordagem mais qualitativa e questionadora, possa desconstruir o anormal, para então criar personagens mais coloridos, vivos e felizes.

J u s t i f i c a t i v a

Penso que justificar esta pesquisa é responder a duas perguntas fundamentais. Em primeiro lugar: Por que eu? ou seja, como contextualizo meu envolvimento com este trabalho dentro da minha história profissional e pessoal, quem eu sou e que lugar eu ocupo. Responder a essa pergunta não é dar vazão à vaidade, mas sim, insistir na necessidade de manter-me reflexivo na elaboração deste texto, lembrando aos meus leitores que eu, assim como meu objeto de estudo, sou composto por data e contexto. A segunda questão diz respeito a relevância do tema estudado e as possibilidades de contribuição que esta reflexão pode trazer para o pensamento acadêmico atual.

Sou homem, branco e brasileiro. Nasci em uma família de classe média, pai professor universitário, mãe artesã e dois irmãos artistas. Cresci em uma família de valores morais religiosos e fui um jovem ativo dentro da igreja presbiteriana de Maringá-PR. Aos 19 anos, abandonei a igreja, desisti da possibilidade de estudar Letras e mudei-me para Ribeirão Preto, onde formei-me como psicólogo.

Como muitos de minha geração cresci acreditando que as pessoas se uniam com um parceiro do sexo oposto, casavam-se, criavam filhos e construía uma família. Exatamente como meu pai e minha mãe fizeram, exatamente como o pastor no púlpito pregava, exatamente como a mídia e os especialistas (entre eles meu

primeiro terapeuta) concordavam. O desvio deste modelo era para mim sinônimo de anormalidade.

Meu interesse pelo estudo da homossexualidade começou a tornar-se consistente na medida em que evoluía nos estudos da psicologia. Ao término do segundo ano elaborei um trabalho para a conclusão da disciplina de ***Distúrbios Emocionais e Comportamentais na Infância e Adolescência.***, no qual pude ter acesso aos primeiros escritos que tratavam da homossexualidade em uma perspectiva sócio-histórica. No ano seguinte elaborei mais um ensaio sobre o tema, dentro da disciplina de ***Epistemologia das Ciências Humanas***, discutindo a teoria de Foucault acerca da história da sexualidade no ocidente. Ao término do curso de psicologia, tendo passado por dois outros trabalhos de iniciação científica, elaborei o projeto desta pesquisa para então iniciar um envolvimento mais intenso com o tema.

Meus progressos acadêmicos andavam no mesmo compasso das mudanças em minha vida pessoal. Estar estudando longe de casa, sem religião e iniciando um profundo trabalho em psicoterapia, deram-me a liberdade e condições necessárias para questionar o modelo heterossexual de afetividade, sexualidade e família. Percorri ao longo dos anos de graduação um longo, árduo, mas também prazeroso caminho de contestação e criação de novos valores, modelos e princípios. Coincidência ou não, ao mesmo tempo em que escrevia o projeto para o mestrado propondo-me a estudar os relacionamentos homossexuais, também dedicava-me a construção de um relacionamento. Pesquisar e investigar casais homossexuais no âmbito acadêmico eram tarefas em íntima relação com a construção desse casal que eu vivia em casa.

O levantamento bibliográfico que fiz naquele momento utilizando as bases de dados Medline, Lilacs e BVS indicou que minha curiosidade e interesse encontravam expressão na carência de estudos acadêmicos de abordagem qualitativa focados na experiência dos casais homossexuais. Alguns trabalhos que se ocupavam de avaliar o “estado da arte” dos estudos acerca deste tema indicavam a relativa invisibilidade da questão no meio acadêmico (Clark & Serovick, 1997; MacDonald, 1998; DeVitto, 1999). No contexto brasileiro a invisibilidade e carência aproximavam-se da inexistência.

Em 1999 o Conselho Federal de Psicologia havia definido as diretrizes que orientavam a postura do profissional psicólogo em relação às questões da homossexualidade. As resoluções do CFP determinavam que a prática do psicólogo não deveria promover o preconceito, a discriminação ou a patologização. Porém, se a literatura científica mostrava-se tão escassa, como poderia o profissional psicólogo, e também os outros profissionais da área da saúde, desenvolver uma prática adequada, específica e ajustada às necessidades desta população?

Acredito que sem subsídio científico, esses profissionais tendem a agir pautados apenas pelo bom-senso, pelas generalizações grosseiras do modelo heterossexual, ou até mesmo por princípios bastante estigmatizantes. De qualquer forma, o profissional que por falta de interesse, familiaridade ou de recursos científicos não se aproxima das discussões acerca da homossexualidade, só pode pensar e agir de forma *pré-conceituosa*, pois são justamente os *conceitos* que lhe faltam. Assim, se não podemos despertar o interesse ou oferecer as condições de familiaridade, que pelo menos possamos garantir os recursos necessários para a

aproximação e discussão deste tema. É neste sentido que esta pesquisa tenta contribuir.

O b j e t i v o e M é t o d o

HISTÓRIA DE ENCONTROS

Enquanto processo, uma pesquisa implica em decisões e escolhas ao longo de um dinâmico transcorrer desde o planejamento, execução até sua finalização. A descrição de como foi realizada esta pesquisa poderia ser estanque e seguir o roteiro já bem conhecido no qual se apresentam sumariamente o objetivo, os instrumentos e os procedimentos. Apresentado assim, de maneira tão definida, o método da pesquisa talvez padecesse seguro, estável e inequívoco. A meu ver, tal representação de uma pesquisa, sobretudo no âmbito da investigação das relações humanas, seria equivocada porque esconderia os agentes que encenaram este conjunto de técnicas. Ocultaria os conflitos e incoerências, as dúvidas e dificuldades que emergiram do delineamento de um método muito mais escolhido do que imposto, muito mais recriado do que copiado.

A palavra *método*, em seu original grego, pode ser dividida em *meta*, que expressa idéias de comunidade ou participação coletiva, e *hodos*, que quer dizer

caminho (Cunha, 1987). Assim, o método de uma pesquisa é um percurso dinâmico por um caminho que se faz à medida que o pesquisador caminha, ainda que por muitas vezes a trilha de seus passos já esteja marcada pelas pegadas dos peregrinos de outrora.

Por este motivo, escolhi apresentar o método desta pesquisa de maneira dinâmica, em linguagem narrativa, acreditando que assim, posso melhor descrever o percurso que construí em diálogo com a literatura disponível. Chamo, portanto, este capítulo de “história de encontros”, pois retrata o caminho que escolhi para **encontrar** os colaboradores desta pesquisa e os **encontros** singulares que com eles vivi. O leitor sensível e atento perceberá que nesta narrativa, eu, enquanto autor, também procuro e penso que **encontro** um lugar como pesquisador.

Tomo como ponto de partida desta “história” o projeto que apresentei ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, como parte dos requisitos exigidos no exame de seleção para o Mestrado. Entendo que aquele texto constituía meu primeiro esforço em formalizar, dentro de um projeto de pesquisa acadêmico, minhas inquietações, interesses e curiosidade enquanto homem, psicólogo e pesquisador. Neste projeto defini como objetivo de meu estudo investigar como se dá a construção do relacionamento conjugal em casais de homossexuais masculinos. Para isso, pretendia utilizar a entrevista e a elaboração do diário de campo como estratégias de coleta e registro de dados. Optei por entrevistar o casal, e não cada um dos parceiros individualmente, para que pudesse ter acesso à dinâmica do casal mediante a observação da interação entre os participantes. A entrevista seria baseada em uma questão norteadora: **“Como vocês caracterizam o relacionamento de vocês?”** e

deveria seguir explorando pontos definidos *a priori*, a saber: como se deu o início da relação, como esta se construiu, como o casal se compõe no que se refere à distribuição de papéis, como o casal lida com a assunção pública da orientação sexual, qual a rede social de apoio para a relação a dois, como pensam e vivem o conceito de família, incluindo a dimensão da criação de filhos, e quais são os projetos futuros da dupla.

Cumprir dizer que esta estratégia de coleta de dados está de acordo com a proposta fundamental das pesquisas qualitativas que pressupõem um estudo aprofundado de determinado fenômeno. Este aprofundamento só é alcançado em um trabalho de campo que promova um intenso contato do pesquisador com o ambiente e pessoas (Lüdke & André, 1986). Nesse sentido, a entrevista, particularmente a entrevista em profundidade, oferece vantagens significativas, como a riqueza de informações contextualizadas, íntimas e globais, flexibilidade e economia (Valles, 1997). Meu objetivo estava em profunda consonância com a proposta de entrevista definida por Bogdan & Biklen (1994), segundo a qual a entrevista permite ao pesquisador “desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (p.134). Assim, partindo dessas considerações e daquelas oferecidas por outros autores (Neto, 2001 e Fontana & Frey, 2000), adotei a entrevista como estratégia fundamental para a coleta de dados dessa pesquisa, acreditando que, munido de um roteiro semi-estruturado, poderia acessar os aspectos da relação conjugal que constituíam meu foco de interesse.

Defini como critérios de seleção dos participantes o fato de serem homens entre 25 e 50 anos, que estivessem em uma relação afetiva estável e de coabitação por pelo menos três anos. Naquele momento supunha ser necessário restringir minha

investigação aos casais de homossexuais masculinos, obtendo assim uma amostra mais homogênea e, portanto, mais suscetível a análises comparativas. Os critérios de afetividade, estabilidade e coabitação foram definidos levando-se em conta a necessidade de entrevistar casais que tivessem o mínimo de convivência que permitisse inferir o estabelecimento de uma relação que chamei de *conjugal*. Esta relação seria operativamente definida pelo período de convivência, vínculo afetivo e história compartilhada.⁵

Este recorte do tema era fruto das leituras de artigos da área de que dispunha naquele momento. A revisão bibliográfica que havia realizado levou-me a entrar em contato com textos predominantemente de origem norte-americana e de referencial marcadamente positivista, com ênfase no método quantitativo. Muitos versavam sobre a importância da assunção pública de uma identidade homossexual para aprimorar a qualidade da relação conjugal e enfatizavam o papel fundamental do contexto social do casal, discutindo temas ligados ao preconceito, suporte à relação e autoconceito (Kurdek, 1987, 1986; Berger 1990; Smith & Brown, 1997; LaSala 2000).

As poucas e recentes pesquisas nacionais também se aproximavam do tema a partir de uma perspectiva quantitativa. Cardoso & Ferreira (1995) e Souza & Ferreira (1997) utilizaram o Questionário de Atributos Pessoais para investigar a relação das características estereotípicas de gênero e a satisfação com a relação. Féres-Carneiro (1997) investigou quantitativamente as características pessoais que determinam a escolha do parceiro nas relações homossexuais.

⁵ Neste aspecto, vale ressaltar que ao longo do desenvolvimento da pesquisa e a medida que me familiarizava com a leitura sócio-histórica de família e sexualidade, fui percebendo que estes critérios

Assim, as questões que eu apresentara como constituintes do foco de interesse de minha pesquisa no momento da redação do projeto refletiam essa tendência de parte dos estudos científicos a que tive acesso de descrever e esquadriñar os relacionamentos homossexuais a partir de um lugar de quem está *de fora*. A ênfase estava na construção histórica da relação, do enamoramento ao estabelecimento da união, identificando seus determinantes, facilitadores e dificultadores. A relação conjugal era vista como um objeto de investigação razoavelmente definido, permitindo análises descritivas e comparativas.

Com o projeto aprovado, decidi realizar uma entrevista-piloto para que pudesse testar o desenho geral da pesquisa e, sobretudo, o método de investigação que havia escolhido. Este teste tinha como objetivo oferecer indícios do tipo de material que a entrevista acessaria, do tipo de interação entre entrevistador e entrevistados que ela favoreceria e também das minhas possibilidades e recursos pessoais para aproveitar esta técnica. Esta primeira entrevista também deveria servir como um ensaio no qual as dificuldades e facilidades, invisíveis no *script*, poderiam ser encenadas.

O casal escolhido foi indicado por uma pessoa de meu convívio pessoal, que me disse conhecer um casal que estaria dentro de meus critérios de seleção de amostra. Tal pessoa dispôs-se a me colocar em contato com um dos parceiros do casal. Alguns dias depois, fui apresentado a Augusto⁶ na faculdade em que estuda em Ribeirão Preto. Identifiquei-me como pesquisador e apresentei em linhas gerais o

de inclusão que utilizei estavam bastante fundamentados no modelo heterossexual de família. Reconheço assim que as entrevistas que realizei foram marcadas por este viés.

⁶ Todos os nomes utilizados na elaboração desta Dissertação são fictícios e seguem um critério alfabético. Assim, chamarei o primeiro casal que entrevistei de Augusto e Bruno (A e B), o segundo

objetivo de minha pesquisa. Augusto deu-me seu número de telefone e pediu-me para ligar-lhe dentro de alguns dias, pois queria consultar seu parceiro, Bruno.

Encontrei-me com o casal duas semanas depois em sua residência. Neste encontro expliquei em detalhes os objetivos e o método da pesquisa. Apresentei o termo de consentimento e fui questionado por Bruno quanto ao sigilo e anonimato das entrevistas. Por fim, combinamos uma data para a realização da entrevista.

Augusto e Bruno receberam-me em seu apartamento uma semana depois de nosso primeiro encontro. O casal mostrou estar à vontade e dispostos a responder minhas perguntas. Iniciei questionando acerca do início da relação e de como eles haviam se conhecido. Sentados lado a lado em um sofá, o casal contou-me de suas experiências por duas horas. Enquanto falavam, Bruno freqüentemente tocava Augusto em sua perna, ou segurava sua mão. Em determinado momento, Augusto deitou-se por alguns minutos sobre as coxas de Bruno. Os dois participavam com entusiasmo da conversa e complementavam mutuamente suas falas. Minha participação era mínima, geralmente retomando ao foco da pergunta ou trazendo uma nova questão. À medida que conversávamos fui desenvolvendo outras questões que serviam para esclarecer ou ampliar um conteúdo exposto, mas que giravam ao redor do eixo da história da relação do casal.

A supervisão e o estudo detalhado da transcrição desta entrevista permitiram-me levantar questões quanto ao uso da entrevista semi-estruturada. A experiência de entrevistar este casal mostrou que o roteiro que seguia impunha um foco à entrevista que parecia não ser o foco de atenção eleito pelos participantes. Também tornou clara minha predileção por uma abordagem mais aberta, possivelmente devido a

de Carlos e Daniel (C e D), o terceiro de Eduardo e Fábio (E e F), Gustavo e Heitor (G e H) o quarto,

minha prática clínica em psicologia, e assim, considerei que o roteiro havia mais limitado do que facilitado o encontro.

Porém, esta entrevista-piloto também permitiu a compreensão de uma outra dimensão de meu trabalho. A partir daquele momento da pesquisa comecei a entender as implicações de uma entrevista aberta. Estar frente a frente com duas pessoas sem uma estrutura pré-definida que me enquadrasse dentro do “o quê, como e quando” falar, colocava-me à mostra. Minhas questões expressavam meu interesse enquanto pesquisador e minhas curiosidades enquanto pessoa. Assim, compreender ou analisar a construção e configuração do relacionamento do casal tornou-se naquele momento um objetivo virtualmente impossível de ser alcançado dentro do enquadre metodológico que havia escolhido. As possibilidades de compreensão do casal pareciam estar ligadas à compreensão do próprio encontro com o casal. Em outras palavras, enquanto pesquisador, eu teria acesso ao modo de vida, à dinâmica do casal ou ao processo histórico que configurava a relação do casal através da percepção e estudo de como eles produziram aquelas falas sobre si mesmos **naquele instante-ali-comigo**. Percebi que o que meu gravador registrara naquele encontro não foi o relato exato de uma experiência real de um casal, mas o processo de criação e negociação de sentidos no qual participei ativamente. A meu ver esta perspectiva oferece duas vantagens: 1) entendo o fenômeno de maneira plástica, não estável e aberta, mantendo-me congruente com o referencial teórico que adotei e; 2) permito que a descrição e o estudo do fenômeno seja feita em colaboração com os próprios sujeitos, na medida em que dou espaço valorizado as interações que estabeleceram comigo.

A partir disso, decidi alterar o objetivo e o método de minha pesquisa. A partir de então, buscaria compreender os sentidos que os casais atribuíam à experiência conjugal. Para isso, utilizaria uma entrevista aberta, partindo da questão norteadora: **“Como é a relação de vocês?”** e participaria ativamente desta conversa na tentativa de esclarecer, ilustrar, organizar, sintetizar e contrapor seus discursos. A regra básica a que me propus seguir era de que eu deveria acompanhar o casal através da livre exploração de uma ou algumas das possibilidades temáticas que esta genérica pergunta inicial oferecia. Neste enquadre, entrevistar o casal conjuntamente ganhava um novo sentido: era condição necessária para que houvesse negociação e construção coletiva de significados.

Com o novo formato da entrevista definido, agendei um encontro com Carlos e Daniel. Carlos é estudante universitário e havia se prontificado a participar de minha pesquisa. Segui os mesmos passos que havia seguido com o primeiro casal, a saber: marquei um encontro com ambos os parceiros para explicar-lhes meus objetivos e métodos, apresentei o termo de consentimento livre e esclarecido e agendei a entrevista em data e local conveniente. A entrevista com Carlos e Daniel exigiu dois encontros, realizados em dias consecutivos. Ao iniciar a entrevista com a questão: *“Como é a relação de vocês?”* pude notar uma resposta em Carlos e Daniel que se repetiria em todos os encontros futuros com os demais casais: diante da abertura lançada pela pergunta o casal permaneceu em um silêncio embaraçoso por alguns segundos, depois buscou algum direcionamento questionando-me acerca daquilo que eu gostaria de saber especificamente e, por fim, após serem encorajados a explorar o tema a partir do que lhes interessasse, o casal elegeu um caminho.

Assim ficava evidente que a pergunta que eu fazia era apenas um recurso para iniciar a conversa, colocando o casal diante da necessidade de escolher e recortar o tema segundo aquilo que lhes parecesse importante, marcante ou freqüente na relação. Para isso, tive que desenvolver a paciência e tolerância à ansiedade que emergia nos primeiros momentos da entrevista. Como pude viver com Carlos e Daniel, este esforço era recompensado ao longo do encontro, ao perceber que o casal logo de início criava uma imagem da relação, por vezes bastante metafórica, que nos guiaria na exploração de diferentes perspectivas de reflexão.

Ao final de nossos encontros, Carlos e Daniel indicaram-me um casal de amigos que acreditavam que poderiam contribuir com a pesquisa. Solicitei-lhes que entrassem em contato com este casal pessoalmente e pedissem a eles autorização para me passarem seu número de telefone.

Após breve contato telefônico, conheci Eduardo e Fábio pessoalmente em sua residência, ocasião na qual me apresentei e expus a proposta de meu trabalho. Ambos pareceram interessados e dispostos a colaborar com o estudo, tanto que a entrevista foi agendada para o dia seguinte. Ao chegar a casa deles no dia e horário combinados, fui recebido por Fábio, que pediu que eu guardasse minha motocicleta em sua garagem, oferecendo-me a chave do portão. Percebi o cuidado de Fábio em receber-me e deixar-me à vontade. Ao entrar no apartamento, fui apresentado a uma amiga do casal. Selma estava na cozinha, vestia uma camisola comprida e disse que, a pedido de Fábio, estava preparando o jantar para Eduardo, que acabara de chegar do trabalho. Fábio disse-me que Eduardo iria tomar um banho, depois jantaríamos todos juntos e, por fim, faríamos a entrevista. Surpreendi-me com o inusitado da situação, mas aceitei prontamente a proposta de Fábio. Enquanto Eduardo tomava

banho, eu, Fábio e Selma conversamos ao redor do fogão e da mesa da cozinha. Fábio perguntou-me sobre minha família, minha cidade natal e minha breve história em Ribeirão Preto. Depois, contou-me sobre sua família e destacou a ocasião em que revelou a seus pais que era homossexual.

Sentamos todos à mesa, jantamos e conversamos sobre variados assuntos. Após o jantar, Selma pediu licença para se retirar e eu, dado o horário avançado, questioneei o casal quanto à disponibilidade de concederem a entrevista naquele dia. Ambos insistiram sobre a viabilidade da atividade e então nos dirigimos à sala-de-estar, onde iniciamos uma conversa que levaria quase três horas e que exigiria dois encontros.

Fábio falava bastante e com eloquência, enquanto Eduardo permanecia em silêncio e limitava-se a intervir apenas quando era diretamente solicitado. Fábio estava bastante mobilizado emocionalmente com a descoberta recente de mais um episódio de envolvimento afetivo de Eduardo com um outro homem. A entrevista foi intensa, com momentos de tensão e comoção e o primeiro encontro só foi interrompido devido ao avanço no horário.

Logo no início do segundo encontro, Fábio relatou que tanto ele quanto Eduardo passaram uma noite agitada, durante a qual haviam pensado muito em sua relação com o parceiro. Durante o dia, Fábio percebeu que estava irritado e procurou conversar com uma amiga (que havia sido sua psicoterapeuta no passado). Ao término desse encontro, Fábio relatou que a experiência de ter refletido sobre sua relação havia sido semelhante a suas experiências em psicoterapia.

A experiência que vivi nos dois encontros com esse casal disparou a reflexão acerca do início e término de minha aproximação das pessoas que colaboravam com

minha pesquisa. Primeiramente, esta experiência evidenciava a importância da criação de um conhecimento mútuo inicial entre eu e os participantes. Assim, o cuidado com minha moto, a presença de um quarto e inesperado participante nos momentos iniciais de nosso primeiro encontro, compartilhando uma situação de intimidade, e a conversa travada antes e durante o jantar sugeriam que antes de uma conversação que se propunha ser íntima e profunda, sobretudo quando esta intimidade revelava fragilidades, incertezas e sofrimentos, era preciso desenvolver um clima de confiança, segurança e proteção. Creio que o ato de testemunhar o preparo do jantar e, em seguida, o compartilhar à mesa para se alimentar funcionou como um ritual propiciatório nesse sentido.

Em segundo lugar, o relato de Fábio acerca das repercussões da entrevista no dia seguinte ao nosso primeiro encontro também explicitava a necessidade de cuidado com os participantes da pesquisa após o término do trabalho. A associação da entrevista com o trabalho psicoterapêutico sugeria que nosso encontro não representava apenas um momento de reflexão e relato de experiências, mas era também potencialmente transformador. Desta forma, meu compromisso ético com os casais exigia que eu me certificasse acerca das repercussões da entrevista na vida do casal.

A partir da experiência desta entrevista passei a dedicar maior atenção ao contato inicial com os casais, permitindo-me conversar com liberdade sobre variados assuntos⁷. Também acrescentei mais um passo ao método que utilizava: no dia seguinte à entrevista, procurava através de contato telefônico cada um dos parceiros e

⁷ Bogdan e Biklen (1994) enfatizam que parte do trabalho do pesquisador é a construção de uma relação de confiança entre entrevistador e entrevistado, na qual ambos possam estar à vontade para compartilhar experiências íntimas.

questionava-os acerca de como estavam se sentindo e se haviam pensado em algo que gostariam de me relatar. Entendo que este cuidado era a tradução na prática daquilo que apresentava formalmente aos casais no termo de consentimento: a garantia de que eu estaria presente até certificar-me de que a entrevista não havia causado nenhum prejuízo ao casal.

Com isso em mente, foi mais fácil aceitar o convite de Gustavo para almoçar com ele e seu parceiro em um restaurante da cidade, e então apresentar-lhes a proposta da pesquisa. Recebi a indicação deste casal de uma amiga, que sabendo de minha pesquisa, prontificou-se a me ajudar fazendo um contato preliminar com eles e, depois, informando-me o número de seu telefone. Gustavo e Heitor são homens bem-sucedidos em suas carreiras, de 46 e 52 anos de idade respectivamente. Heitor tem formação universitária e trabalha como funcionário público. Gustavo concluiu seu mestrado e, atualmente, é o proprietário de uma refinada e próspera loja em Ribeirão Preto e de uma filial em uma cidade da região, que administra com a ajuda de Heitor.

Encontrei-me com Gustavo em sua loja em horário de almoço, fomos em seu carro até o local de trabalho de Heitor e de lá seguimos até o restaurante sugerido por Gustavo. Durante o percurso, o casal conversava sobre alguns problemas que estavam enfrentando com funcionários da loja. Durante o almoço, apresentei novamente os objetivos da pesquisa e fui bastante questionado por Gustavo acerca do método que estava utilizando. Com o decorrer da conversa, percebi que Gustavo, que havia feito mestrado em uma área das ciências exatas, estranhava a abordagem qualitativa que eu buscava em minha pesquisa. Assim, tentei explicitar melhor os

fundamentos de meu trabalho no que se refere ao número de entrevistas que faria, a representatividade dos dados e a possibilidade de generalizações dos achados.

Terminei o almoço com a promessa do casal de que me ligariam para marcar a data para a entrevista. Encontrei-me com Heitor em seu apartamento alguns dias depois. Gustavo estava trabalhando em outra cidade e havia acabado de ligar avisando que chegaria atrasado ao encontro marcado. Uma hora depois, Gustavo chegou em casa, visivelmente cansado, mas sem demora sentou-se e iniciamos a entrevista. O casal, que me pareceu formal e sério nos primeiros contatos, foi logo se mostrando cada vez mais descontraído. Gustavo e Heitor freqüentemente faziam brincadeiras um com o outro ou alguma provocação dirigida diretamente a mim.

Despedimo-nos com dificuldade de encerrar a agradável conversa que durara mais de duas horas. O casal me acompanhou até a saída, onde parei para olhar a parede do *hall* decorada com inúmeras e diferentes máscaras. Heitor relatou que cada máscara era uma lembrança de um país que haviam visitado, *souvenires* de lugares e momentos da história do casal. Aquele instante oferecia a imagem que sintetizava os temas da intensa conversa que ali se encerrava: as escolhas que construíram a vida do casal, a premência do tempo que levava em uma toada acelerada a juventude, que mudara as cidades e os papéis de cada um no mundo, as transformações inevitáveis do ciclo da vida que ficavam evidentes no “ainda novo e estranho” corpo que envelhece ou no corpo crescido dos filhos que não moram mais em casa, a urgência da existência que é bela e prazerosa, mas também fugaz, como a lua cheia sobre o pasto na estrada ou como o florido *flamboyant* que fenece sem ser notado em meio à

pressa de uma avenida central da cidade⁸. Eu, o pesquisador, havia testemunhado ao longo de toda a nossa entrevista o encontro do casal com a parede repleta das múltiplas faces mudas de sua história.

O encontro com Ivan e Jorge teve características diferentes. Foi relativamente curto, em comparação com as outras entrevistas, e o único a ser realizado fora do domicílio do casal. Conheci o casal através da indicação de uma pessoa da minha convivência. Ivan e Jorge trabalham juntos em sua loja em Ribeirão Preto e sugeriram que a entrevista fosse feita neste local, logo após o horário comercial. Ivan recebeu-me na loja e apresentou as novas instalações do recém-reformado estabelecimento, enquanto Jorge terminava de atender o último cliente. Pouco depois, Jorge baixou as portas da loja, sentamo-nos bastante à vontade em uma mesa aos fundos e iniciamos a entrevista, que durou cerca de uma hora.

Kleber e Luiz foram o último casal que entrevistei. Após receber a indicação por um amigo, conheci o casal em seu apartamento, localizado em um condomínio de classe média. Receberam-me com disposição e interesse. Ambos trabalham em áreas ligadas às artes e se mostraram bastante sensíveis e afetuosos ao longo de todo o encontro. Ao término da entrevista, ficamos conversando por mais algum tempo, apesar do horário avançado. Luiz, dizendo gostar muito de fotos, mostrou-me um álbum com os retratos da última viagem do casal. Ambos insistiram em manter o contato comigo, em saber sobre o andamento da pesquisa, seus resultados e repercussões. Para mim, a despedida foi também difícil, pois entendia que era o momento de finalizar o trabalho de campo de minha pesquisa.

⁸ As imagens do *flamboyant* florido e da lua cheia não são minhas, mas surgiram na fala de Gustavo durante nossa entrevista.

No projeto, defini a recursividade dos conteúdos e a possibilidade de obter uma visão abrangente do tema como critérios que orientariam o número de entrevistas que deveria fazer. Seguiu as orientações de Minayo (1992), que considera ideal a abordagem “que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões”. Retomo aqui que estes critérios estavam em conformidade com o objetivo e método da pesquisa definidos naquele momento, que consideravam a possibilidade de análises comparativas entre eixos temáticos recorrentes acessados através do uso de um roteiro de entrevista semi-estruturado. Assim, na medida em que tanto o objetivo quanto o método da pesquisa sofreram modificações, os critérios que definiam o número de participantes também deveriam ser alterados.

Uma vez que utilizei um roteiro aberto e dado o caráter não-diretivo da entrevista, cada casal explorou livremente o campo proposto, resultando em encontros bastante singulares. De fato, alguns dos temas foram recorrentes, porém sem a consistência necessária para permitir generalizações. Desta forma, entendo as entrevistas com cada um dos casais como recortes e momentos significativos de suas experiências, porém, sem refletir a totalidade dela, nem tampouco *representativas* das experiências de casais homossexuais em geral.

Considero que o número de entrevistas foi suficiente segundo critérios internos (ou seja, as entrevistas foram ricas o bastante para permitir o amadurecimento do método empregado e forneceram material suficiente para o estudo aprofundado das relações em questão), e critérios externos, uma vez que constitui parte de um trabalho de pós-graduação em nível de mestrado e que apresenta, portanto, limitações próprias a esse formato de pesquisa.

De fato, acredito que, se fizesse outras entrevistas, acessaria novas possibilidades interpretativas, inclusive sobre alguns temas que nenhum dos casais entrevistados abordaram com profundidade (por exemplo, a vida sexual do casal, adoção e criação de filhos). Creio também que se voltasse a entrevistar os mesmos casais, provavelmente me surpreenderia com as novas produções discursivas. Ressalto que, segundo o referencial teórico adotado neste trabalho, a experiência humana é sempre uma performance, uma constante e infinita fabricação e atuação de personagens que atribuem, em diferentes momentos, diferentes sentidos às suas experiências. Entrevistar casais até o ponto de esgotar as perspectivas de abordagem possíveis, ou ainda, buscar nas entrevistas conteúdos recorrentes para compor uma imagem bem delineada da relação conjugal em casais homossexuais, é de certa forma supor uma realidade um tanto essencial, universal ou estática, inscrita para além desses personagens. Assim, esta pesquisa situa-se muito aquém do lugar da verdade única e completa. É uma narrativa situada, momentânea e parcial, sem deixar de ser, acredito eu, reflexiva, provocativa, inquietante, reveladora e de valor heurístico.

Assim, justifico academicamente o término de minha pesquisa de campo. Mais difícil foi convencer a mim mesmo de que já era hora de encerrar os encontros surpreendentes, inéditos e enriquecedores. A partir de então, deveria empenhar-me em atividade muito mais solitária: a compreensão das entrevistas e das notas de campo.

Primeiramente, realizei minuciosa transcrição e posterior “checagem” do material transcrito e dos registros áudio-gravados referentes a todas as entrevistas. Em seguida, li atentamente cada uma das entrevistas para obter uma noção de totalidade do material. Durante esta leitura, anotei, à margem do texto, os temas que

os casais abordavam, muitas vezes desenvolvendo uma abreviação ou código que facilitasse meu trabalho, segundo sugerem Bogdan e Biklen (1994). Nesta fase, tinha como objetivo familiarizar-me com todo o material de que dispunha e que constituía, juntamente com as notas de campo, o *corpus* de minha investigação.

Minhas notas a margem do texto serviram-me de orientação na elaboração de um “mapa” de conteúdo, no qual apresentava a categoria que representava o sentido da fala dos entrevistados seguida do trecho transcrito. Estas categorias permitiram-me organizar todas entrevistas em grupos de significados, que posteriormente foram reunidos em grupos maiores que chamei de eixos temáticos. Assim, os eixos temáticos que organizam o conteúdo das entrevistas são: o modelo heterossexual x o modelo homossexual, as diferenças e mudanças e o tempo e sociedade. Por fim, separei algumas falas que chamaram-me a atenção para compor uma última parte da discussão do material, na qual exploro a relação da psicologia e da homossexualidade e das perspectivas futuras de intervenção com casais homossexuais.

Ao longo da elaboração da discussão das entrevistas busquei apresentar os trechos de transcrição mais significativos, compondo uma espécie de descrição do conteúdo das entrevistas. No entanto, Navarro e Diaz (1995) afirmam que a análise de conteúdo do corpus de uma pesquisa deve ser entendida como:

...um conjunto de mecanismos capazes de producir perguntas, e não uma receita para obter respostas. Ou, dito de outra forma, há que concebê-lo como um procedimento destinado a desestabilizar a inteligibilidade imediata da superfície textual, mostrando seus aspectos que não são diretamente intuídos, mas sem dúvida, presentes (p.182, tradução minha).

Ainda segundo esses autores, o pesquisador tem como objetivo a produção de um meta-texto analítico, no qual o *corpus* é apresentado de maneira transformada e

enriquecida. Entendo que esses argumentos apontam para a necessidade da produção de um texto que transcenda a mera descrição dos dados obtidos no decorrer da pesquisa. Analisar entrevistas não é meramente recontá-las, sumarizar seus conteúdos ou sublinhar seus temas recorrentes.

Em contraponto, considero que um estudo exploratório e descritivo que oferecesse uma apresentação detalhada da vida conjugal de homens homossexuais no contexto brasileiro seria de extrema utilidade para o pesquisador que pela primeira vez se aproxima do tema e busca desenvolver trabalhos mais específicos e analíticos. Tal pesquisa ainda está por ser escrita. Vale também lembrar o relativo caráter marginalizado, invisível e anônimo das relações homossexuais no Brasil, e afirmo que muito da presente pesquisa (por exemplo, a delimitação do foco e o acesso aos participantes) só foi possível devido a minha própria familiaridade e inserção no contexto investigado. Desta forma, penso que um estudo preliminar amplo, ainda que limitado ao nível descritivo, poderia ser de valor no avanço do conhecimento acerca do tema em questão⁹.

Quanto a este trabalho, busquei a superação do nível descritivo na medida em que a discussão segue eixos temáticos que privilegiei e que destacam determinados aspectos ou *linhas de força* do material e busquei trazer para o diálogo contribuições que de alguma forma pudessem oferecer uma compreensão do conteúdo das entrevistas.

Por fim, no contexto pós-moderno as discussões acerca da “validação” das produções científicas oriundas de abordagem qualitativa deixam o terreno habitado

⁹ O livro *Together Forever*, de Eric Marcus (1998), relata o trabalho de pesquisa desse autor norte-americano, que entrevistou 40 casais homossexuais de homens e mulheres por todo o país. O livro é

pela tríade “validade-fidedignidade-generalização” e partem rumo à descoberta de novos critérios de avaliação das pesquisas (Janesick, 2000; Richardson, 2000). O conceito de *cristalização* parece sintetizar a postura que alguns pesquisadores têm adotado. Assumir essa postura implica em conceber que tudo pode ser visto a partir de múltiplos vértices e ângulos e que, em nosso trabalho, sempre elegemos apenas um (ou alguns) deles. Assim, conhecemos, duvidamos do que conhecemos e buscamos conhecer mais, indefinidamente.

Nesta perspectiva teórico-conceitual, a pesquisa qualitativa liberta-se do compromisso com uma suposta verdade total e totalizante, abdica da linguagem autoritária, assume uma postura parcial e humilde, multiplica seus discursos, torna o universo acadêmico mais atraente e permeável, convida a novas explorações e aguarda a contribuição dos futuros pesquisadores. Ao ser limitada, incompleta e carente de “um outro”, esta pesquisa revela sua virtude: não é descanso de fim de viagem, mas novo fôlego que alenta os viajantes no percurso.

C o m p r e e n s ã o

A RELAÇÃO CONJUGAL HOMOSSEXUAL: REVOLUÇÃO OU ACOMODAÇÃO?

Em meu primeiro encontro com Carlos e Daniel, Daniel mostrou-me uma foto de seu sobrinho e fez comentários acerca dos cuidados que tem com ele. Depois, mostrou-me um convite de aniversário de sua sobrinha. Era um convite padrão e chamou-me a atenção que o local reservado ao nome do destinatário estava em branco. Durante a entrevista, o casal contou-me sobre as alianças que usam, um na mão direita e outro na esquerda, e todo o processo de pedir à mãe de Daniel “sua mão em casamento”, como eles mesmos denominaram. Mostraram-me uma foto de família, um convite de festa, alianças e ritos de casamento. Contaram-me suas histórias e como esses elementos se articulavam na composição de uma história do casal. História que, tal como as alianças sugerem, situava-se em algum lugar entre a

esquerda e a direita, entre o novo e o tradicional. É este lugar intermediário que quero explorar nesta primeira parte.

Bourdieu (1996) afirma que a família, enquanto categoria presente no imaginário social é a base de inúmeras outras representações sociais, como por exemplo o casamento e a criação de filhos. Tal categoria é revestida pelo imaginário coletivo de um caráter evidente que oculta sua dimensão negociada e arbitrária, transformando-a assim em uma noção natural e universal. O ideal de família é compulsoriamente implantado nos indivíduos determinando o ciclo de reprodução das estruturas e espaços sociais. Segundo a tese de Bourdieu, este posicionamento da família como ideal é feito através da generalização e uniformização de aspectos que, na verdade, são privilégios de apenas alguns grupos sociais. Cria-se um ideal, uma norma e conseqüentemente, diferentes distâncias ao redor dela, na medida em que determinado grupo se aproxima ou se afasta desse eixo regulador. Essa distância é o fundamento daquilo que Bourdieu chama de “lucro simbólico da normalidade” entendido como o privilégio que alguém pode ter quando ao mesmo tempo se aproxima do ideal de família e se afasta daqueles que a este ideal não correspondem. A norma e a exceção trabalham juntos na consolidação do privilégio de ser como se deve ser. Nesta perspectiva o esforço dos casais homossexuais em construir uma família, e como parte disso, encontrar um parceiro e desenvolver com ele um relacionamento, pode ser entendido como um ato que busca o benefício da normalidade.

As respostas dos casais a pergunta inicial da entrevista (**Como é a relação de vocês?**) ilustram esse sentido expresso por Bourdieu acerca da família. Assim os

casais responderam: “É um relacionamento bastante estável” (**Eduardo** e Fábio¹⁰); “Ah, é uma relação entre um casal normal” (**Ivan** e Jorge); “É um casamento (...) tem a parte que é normal, que em todo casamento acontece (...)” (Carlos e **Daniel**) e “Primeiro, estável” (Gustavo e **Heitor**).

As noções de normalidade e estabilidade parecem sugerir a busca por uma conformação a uma certa idéia de um modelo familiar existente e invariável. Nesse sentido outras expressões surgem ao longo das entrevistas que reforçam a presença de um dado padrão de relacionamento, tais como: “valores intrínsecos a qualquer casamento” (**Carlos** e Daniel); “exatamente, seria um casal heterossexual, vamos dizer assim” (Ivan e **Jorge**); e outras construções discursivas muito utilizadas pelos casais que tendem para a generalização da experiência vivida. Essas expressões são marcadas pelo uso de palavras como: todo(os, a, as), sempre, natural, qualquer, humano e inerente.

Neste último trecho citado, Ivan e Jorge explicitam a norma de referência para as relações: o modelo heterossexual. É em diálogo com este referencial que os casais compõem os sentidos de suas experiências conjugais, ressaltando as semelhanças e diferenças: “Somos casados como um casal hetero...” (**Ivan** e Jorge), “Se amanhã a gente se separar a gente vê como vai dividir, como (faz) um casal hetero” (Eduardo e **Fábio**), e “Se você observar um casal heterossexual brigar, é o casal do apartamento tal que brigou. Se um casal de homossexual brigar falam: ‘Aquelas bichinhas brigaram’ (Carlos e **Daniel**).

Como expresso nesse último trecho, a diferença entre o casal homossexual e heterossexual posiciona o segundo de maneira privilegiada na medida em que o fato

¹⁰ Para facilitar a identificação, após cada citação das entrevistas, apresento entre parênteses os nomes

do casal heterossexual brigar não evoca imediatamente nenhuma categoria socialmente depreciada, como acontece com a transformação discursiva que altera “um casal que briga” para “duas bichinhas que brigam”. Esta transformação se dá, segundo este casal, por meio da sobreposição de estigmas, como exemplificam no trecho: “Ao passo que em um heterossexual o fato dele ser alcoólatra, tudo bem, é um defeito só. O homossexual alcoólatra é encarado como dois defeitos” (**Carlos e Daniel**)

Assim, as diferenças entre o casal homossexual e heterossexual são destacadas e passam a ocupar um lugar valorativo na construção dos discursos dos casais. O casal heterossexual é tomado como referência tanto em uma perspectiva positiva, como expressam os trechos anteriores, mas também sob um prisma negativo como, por exemplo, em:

Jorge: Geralmente no casal hetero um manda no outro. (...) Eu acho que no casal, o casal homossexual não, acho que é mais...

Ivan: mais equilibrado

Eu tenho várias amigas mulheres que hoje são ex-casadas que hoje vêm na nossa relação um exemplo de relação amorosa. Várias vezes elas citam a nossa relação. (**Gilberto e Heitor**)

Além da discussão acerca do valor atribuído as diferenças entre os dois modos de relacionamento, importa destacar o jogo comparativo no qual as polaridades se sustentam e reforçam concepções idealizadas e essencialistas. Como observamos nos trechos citados, a generalização das conceituações acerca dos casais homossexual e heterossexual sustenta a noção de que tais casais (homo e hetero) de fato existem como duas instâncias distintas. Como a homossexualidade de Gustavo e

da dupla com marcação em negrito no outro do texto.

Heitor se liga ao sucesso de sua relação frente às amigas heterossexuais? Como as noções de independência ou domínio e submissão podem ser atribuídas a categorias sexuais como heterossexualidade e homossexualidade, como vemos no discurso de Ivan e Jorge? Em resumo, de que modo a sexualidade é colocada nos discursos como o fundamento uniforme e explicativo das diferenças de ordens não-sexuais? Para Foucault (1997), a atuação de mecanismos difusos de poder e controle atuantes a partir do século XIX colocaram a sexualidade, e as categorias dela derivadas, no centro dos discursos e à ela atribuíram o poder de congregar não apenas as dimensões do prazer e reprodução, mas toda uma série muito ampla de características que, todas juntas, comporiam uma certa verdade acerca dos indivíduos.

Um outro aspecto presente no discurso do casal Carlos e Daniel chama a atenção para o diálogo entre as polaridades hetero/homo. A troca de alianças bem como o ritual que Carlos cumpre ao “pedir a mão de Daniel” parecem ter o sentido de realização de um importante marco simbólico em nossa cultura que contorna a transição da vida de solteiro para a vida conjugal. A aliança e o casamento, enquanto elementos de um ritual tradicionalmente atribuído ao universo heterossexual, são trazidos para a relação homossexual como forma de invocar os sentidos a esse símbolo atribuídos.

Eu sou solteiro e moro com outro homem. Então poderia ser um anel (...). Para mim, a aliança é hoje como um símbolo para mim do nosso relacionamento, do nosso contrato, do nosso pacto. (**Carlos** e Daniel)

Esta invocação simbólica pode ser entendida como um ato de aproximação, onde as diferenças entre o modelo heterossexual e homossexual, antes destacadas, são agora transpostas através da busca pelo semelhante. Nesse aspecto o significado

das alianças como representante do compromisso entre o casal parece estar desvinculado da sexualidade de seus portadores. Stiers (1999) mostra como os ritos de casamento, e entre eles a troca de aliança, é um componente importante na construção das relações conjugais. Em seu estudo com casais homossexuais norte-americanos, esta autora destaca o conflito que estes casais vivem ao lidar com os ritos de casamento, misturando sentimentos de apropriação indevida de um universo que não lhes pertence e o desejo de marcar simbólica e socialmente sua união. De maneira geral este conflito determina movimentos ambivalentes que acabam, muitas vezes, resultando numa re-edição personalizada dos ritos. Um exemplo claro desse movimento é apresentado por um dos casais que participaram do referido estudo que, ao invés de utilizar alianças, trocaram brincos de pérolas. Neste novo rito, um dos parceiros ofereceu ao outro uma pérola negra em associação a sua origem étnica (africano) e recebeu em troca uma pérola branca (visto que seu parceiro era de origem européia).

O movimento de apropriação e aproximação do modelo heterossexual também pode ser observado na condensação de valores ao redor do casamento presente nos discursos dos entrevistados, como em: “É... eu vejo a nossa relação como uma relação honesta” (**Gustavo** e Heitor) ou em:

Ivan: Ah... é uma relação entre um casal normal. A gente se respeita, se ama, trabalha, têm sonhos, têm projetos de vida, alguns já realizados. É mais ou menos isso.

Murilo: Quando você fala de um casal normal você está se referindo a quê?

Jorge: Normal que eu digo é que trabalha, briga como todo o casal, faz as pazes como todo o casal, viaja, entendeu? Produz, vota, é cidadão.

Nestes trechos os casais invocam valores como trabalho, honestidade, civismo e respeito como aspectos que auxiliam na definição do vínculo entre os parceiros.

Como já foi apresentado no início deste trabalho, até o século XIX o casamento estava restrito ao domínio das relações de parentesco e do valor econômico da relação. A partir de então, a noção de conjugalidade é enriquecida com o ideário do amor romântico e com as contribuições científicas emergentes que regulavam o prazer associando-o a noções como responsabilidade, respeito, controle e salubridade (Giddens, 1992; Costa 1992). É nesse sentido que entendo o movimento de aproximação dos casais ao invocar os valores morais presentes na relação. É como se dissessem que suas relações, ao cumprirem os mesmos requisitos exigidos às relações heterossexuais, são por eles mesmos legitimadas.

Porém, se por um lado tal discurso reforça a importância de tais valores como marcadores do vínculo conjugal e funcionam assim em um sentido de acomodação, por outro, atuam em um sentido de resistência ao romper a associação automática e naturalizada desses valores com a sexualidade.

A relação conjugal homossexual está marcada por esse diálogo com o modelo heterossexual, invocando, confirmando, questionando e ampliando os limites de suas definições. Este movimento parece constituir uma inversão do processo histórico de formação de sentidos ao redor da sexualidade. Se o cristianismo e a ciência moderna, ao se dispersarem em diferentes formas de discursos sociais que formaram uma rede difusa de poder, uniram ao longo do tempo sexualidade, moral e família e sobre essa união fundou o edifício da verdade do indivíduo, a relação homossexual parece apropriar-se do mesmo mecanismo e, ao invertê-lo, expor o caráter arbitrário dessas associações.

Eu acho que o relacionamento homossexual masculino evidencia algumas coisas com muito maior clareza do que os outros relacionamentos. (Carlos e **Daniel**)

Finalmente, penso que esse movimento dialógico que a todo tempo faz referência a modelos prontos, idealizados e naturalizados aponta para dois aspectos importantes. O primeiro diz respeito a constância da presença desses modelos em nosso imaginário cultural e a força e poder das categorias sexuais como eixos centrais de nosso pensamento e discurso. O segundo sugere que tal força é proporcional à dificuldade e angústia humana frente ao desafio de assumir a particularidade da existência e a singularidade das histórias construídas sobre escolhas individuais. Inserir-se em modelos gerais constitui, não apenas a conquista do benefício da normalidade, mas a busca de amparo para o solitário artesanato que os casais, homo e heterossexuais, realizam ao compor a história de suas relações.

DIFERENÇAS: AÇÕES, REAÇÕES E DEFORMAÇÕES

A pergunta que escolhi para iniciar minha entrevista propunha aos casais um exercício de definição. Como já apresentei, este exercício foi vivido pelos casais, a princípio, com certa angústia frente a abertura das possibilidades de exploração e em seguida como atividade exploratória fecunda. As primeiras respostas a esta pergunta constituíam uma associação crua e direta que ao longo de nossa conversa seria enriquecida.

Ah... é uma relação entre um casal normal. A gente se respeita, se ama, trabalha, têm sonhos, têm projetos de vida, alguns já realizados. É mais ou menos isso. (**Ivan e Carlos**)

Primeiro, estável. Segundo, muito boa, muito interessante. Segurança. Você se sentir muito seguro na relação. É muito prazerosa. Inúmeras que a gente faz, a gente compartilha. É uma relação muito agradável. Tem os momentos de tensão,

obviamente. Porque a gente não é perfeito. Mas de uma maneira geral é uma relação assim, totalmente satisfatória. (Gustavo e **Heitor**)

Eduardo: É um relacionamento bastante estável, é uma coisa mais...
Fábio: Reservada.

Daniel: Eu acho que é, pelo menos para mim eu acho que é um casamento.
Carlos: Com as implicações de um casamento.
Daniel: Tudo. É um casamento. A parte boa e a parte ruim. As felicidades e as dificuldades. É isso.

O casamento, a relação estável, segura e reservada e a noção de casal normal que estes trechos destacam remetem ao uso de categorias fixas e de modelos harmônicos já discutidos na sessão anterior. À medida que os casais iam explorando mais os significados da relação ao longo da entrevista, outras construções de sentido eram elaboradas. Estas expressavam um caráter muito mais pessoal e dinâmico a experiência conjugal e eram, algumas vezes, compostas a partir de metáforas.

Ivan e Jorge elaboram sua relação tomando como referência o próprio trabalho. O casal trabalha junto em uma loja e assumem dentro da administração do negócio funções diferentes. Jorge é o empreendedor que sonha, planeja e executa os investimentos de maneira mais arrojada. Ivan é o administrador que controla as finanças e cuida do dia-a-dia da loja. De maneira semelhante, o casal aponta que na relação cada um deles assume funções particulares, sendo Jorge aquele que oferece a energia e ambição necessária às mudanças e Ivan aquele que zela pelo sustento diário das aquisições.

Carlos e Daniel também utilizam comparações e metáforas para dar sentido a relação, buscando imagens como o casamento, as alianças, o contrato e, como também utilizam Eduardo e Fábio, a balança:

Eu acho que tudo isso funciona mais ou menos como uma balancinha. Eu acho que a gente precisa disso. Esse equilíbrio faz parte da vida de qualquer ser humano. E tem que fazer muito mais parte dessa vida, dessa rotina, quando é uma vida compartilhada. (Carlos e **Daniel**)

Eu acho que o amor tem que pesar numa balança; certinho. A gente tem que sentir... Um ama de um jeito e o outro ama de outro. Às vezes um ama mais e o outro ama menos. Mas na somatória tem que ser igual. (Eduardo e **Fábio**)

Gustavo e Heitor, que há 20 anos vivem juntos, recorrem ao percurso histórico da relação como forma de auxiliá-los na compreensão do sentido atual da conjugalidade. Gustavo faz referência a mudanças que percebe em si mesmo e em seu companheiro ao longo do tempo. Uma dessas mudanças é a capacidade que tem hoje de fruir cada instante, a urgência em viver a cada momento experiências intensas e marcantes. Assim, ao chegar com uma hora de atraso para entrevista, Gustavo desculpa-se e logo em seguida faz referência a beleza da imagem que havia visto no caminho para casa: uma lua imensa sobre um pasto ao fim do dia. Uma outra imagem surgida em nossa entrevista serviria como metáfora da relação do casal:

O prazer de dormir junto, acordar junto, de curtir as mesmas coisas como por exemplo algumas coisas que eu aprendi a curtir com ele. Ou com a idade eu não sei, porque antes eu passava por uma avenida de Flamboyant todo florido e simplesmente era uma avenida de Flamboyant todo florido. Hoje eu passo por um Flamboyant florido eu observo um galho mais florido que outro. Observo o tronco retorcido. Observo o mesmo Flamboyant sem estar florido e acho isso maravilhoso. Hoje eu me dou tempo para ver algumas coisas que eu não via antes. (**Gustavo** e Heitor)

A imagem do Flamboyant evoca a beleza e o prazer, mas também a temporalidade e impermanência constituintes da história humana que se desenrola em ciclos. O tronco retorcido sugere que para que haja uma copa florida e bela, é preciso um intenso e dinâmico trabalho de deformação, reforma e transformação. Esta metáfora condensa o sentido central das experiências desses casais. A

conjugalidade seria então definida por um constante movimento transformador no qual as diferenças são negociadas.

Para Berger e Kellner (apud Féres-Carneiro, 1998) o casamento é um ato dramático, no qual dois estranhos com histórias singulares se encontram e juntos reconstróem o mundo através dos discursos. Cria-se uma subjetividade comum, a partir da qual o presente e o passado dos parceiros é resignificado.

Na realidade são dois universos. Duas pessoas que se casam são dois universos que se conciliam. Ele vem de uma criação, de uma família, que pensa de determinada maneira. Que tem toda uma dinâmica e eu venho de uma outra completamente diferente. A gente se propôs: Olha a gente vai misturar tudo isso agora. (**Carlos e Daniel**)

Como afirma Carlos, a experiência conjugal é aquela na qual dois universos distintos se encontram e buscam a criação de canais que aproximem e produzam o semelhante. Ao mesmo tempo em que a diferença emerge do contato íntimo com o parceiro, ela também é produzida na relação como recurso protetor da individualidade. Ressaltar as diferenças serve como forma de marcar espaços individuais e ao mesmo tempo, preservar os parceiros de um envolvimento mais íntimo:

(...) quando a gente foi montar nosso apartamento a gente combinou: ‘Eu vou comprar a cozinha, você compra o sofá, eu compro a sala de jantar, você compra a cama.’ (...) Por quê? Porque se a gente separar não tem briga. ‘O sofá é seu, a mesa é minha, a estante é minha. (Eduardo e **Fábio**)

Para Fábio, a diferença marcada na aquisição individual de bens para uma casa coletiva constitui um movimento inicial da relação, em um momento no qual o casal carecia de segurança e estabilidade, e portanto, temia um envolvimento mais

intenso. No entanto, todos os casais entrevistados, ao falar da relação e buscar para ela um sentido, apontaram as diferenças entre os parceiros e as diferenças na relação ao longo do tempo, mesmo aqueles que consideravam a relação estável e segura. Isto parece sugerir que a valorização das diferenças ocupa funções diferentes ao longo da história da relação, porém sem deixar de existir em nenhum momento dessa trajetória. Marcus (1998), relata surpresa ao constatar que em suas entrevistas com 40 casais norte-americanos as discussões acerca das diferenças entre os parceiros constituíram uma temática preponderante que orientava debates intensos. Cabe, portanto, perguntar por que, ao falar de uma relação, é preciso destacar as diferenças que marcam os indivíduos. Feres-Carneiro (1998) afirma que o casamento contemporâneo é marcado pelos valores do individualismo com ênfase na autonomia e na satisfação pessoal dos cônjuges e não na criação de laços de dependência. É nessa perspectiva que compreendo a ambivalência de Eduardo e Fábio ao comprarem os móveis de sua nova casa. Além disso, a insistência nas diferenças sugere que a principal característica que define uma relação, independente de seu estágio, é a necessidade de troca e negociação.

Eu chamo isso de moldagem, a gente vai se moldando um ao outro. Tudo o que é demais faz mal. Se moldando um ao outro. (Eduardo e **Fábio**)

(...) então a gente acaba se moldando. A gente, eu acho que a gente pega os meus defeitos e os defeitos dele, une, acha uma média. Para ter um bom relacionamento. Tem que ceder. (...) E esse ajuste é diário. Não pensa que você faz uma coisa que define para o resto da vida porque não é. (**Carlos** e Daniel)

Esta moldagem que os casais citam, sugere que a convivência do casal cria a possibilidade de transformações nas quais cada um dos parceiros vai ficando mais parecido com o outro. Neste ponto, a busca por modelos prontos é substituída pela

percepção da plasticidade dos indivíduos que, ao comporem a relação, compõem também a si mesmos em relação ao outro, ou ainda, os dois universos que se encontram viabilizam a criação de um terceiro universo compartilhado. A linguagem comum desenvolvida pelo casal é citada em todas as entrevistas como um ponto que evidencia esse processo de reconstrução de si, do outro e da relação. Esta linguagem desenvolvida na relação é permeada pelo conhecimento que os parceiros vão adquirindo ao longo do tempo acerca dos desejos, pensamentos e reações do outro. A relação e a comunicação passam a ser marcadas por um caráter antecipatório.

E com vinte anos eu consegui aprender a entender o L mesmo nas coisas que ele não me fala. (**Gustavo** e Heitor)

Você, se você é um pouco observador, vendo a pessoa tantos anos, você praticamente sabe tudo o que a outra pessoa está pensando, PRATICAMENTE. É lógico que muitas vezes você se engana. Mas vira como se fosse uma pessoa só. Duas pessoas começam a caminhar juntos. Vai. (**Ivan** e Jorge)

Quando a criação do semelhante e do compartilhado não é possível, a diferença preservada demanda recursos de assimilação. A moldagem que Carlos e Fábio relataram é semelhante à noção de deformação de Gustavo:

Toda ação tem uma reação com a mesma intensidade menos a deformação. Se a resposta não for na mesma intensidade alguma coisa ficou deformada. É igual uma trombada, o carro amassa e se deforma para que a reação não seja tão igual. Então isso daí, reportando para o indivíduo, é igualzinho. Se a tua reação não foi igual à ação, porque alguma coisa se deformou dentro de você. Alguma coisa modificou dentro de você. Nada é de graça. Nada. Eu acho que hoje nós estamos mais aptos a nos deformar para não reagirmos na mesma intensidade. Eu pelo menos sou assim. Hoje eu estou mais... reagindo menos. (**Gustavo** e Heitor)

Nesta metáfora, a noção de acolhimento da diferença é enriquecida com a idéia de que para que isso ocorra, é necessário que haja uma mudança. Assim, a

diferença não é apenas tolerada ou suportada, é acolhida em um movimento ativo que exige de Gustavo uma reorganização. Na medida em que os parceiros se empenham em “deformar-se” para “conformar-se” ao outro, as diferenças determinam um investimento e portanto, orientam um movimento de aproximação.

Para Féres-Carneiro (1998), o fortalecimento da conjugalidade em uma sociedade com forte predomínio de tendências individualistas demanda uma certa abdicação de valores e desejos pessoais. Para isso, é preciso que haja um sentimento dominante nos parceiros de que a relação é prazerosa e útil para ambos. Giddens (1992) aponta a transição do ideal de amor romântico, marcado pelo desejo de uma relação eterna, única e devotada, para o ideal do amor confluyente, no qual predomina uma igualdade no “dar” e “receber” e no qual a relação só se sustenta na medida em que proporciona satisfação a ambos os parceiros. Assim, Gustavo comenta os custos que teve que pagar para estar junto de Heitor ao longo de 20 anos:

Então eu acho que tudo o que a gente paga, a gente paga no seu devido valor. No que aquilo representa para nós. A partir do momento em que o preço se torna mais alto do que você valoriza, você deixa de pagar e não tem o produto. Se eu paguei por esse produto, é porque eu achei que valia a pena pagar por ele, o tanto que eu paguei. Se o Heitor pagou, se ele bancou, é porque ele tinha, porque naquele momento ele sentiu que valia a pena pagar o que estava sendo cobrado. Você jamais comprou alguma coisa de preço aviltado. (**Gustavo** e Heitor)

Ao exemplificar, Gustavo lembra do momento em que teve a percepção que viver com Heitor seria um desafio que exigiria dele inúmeras mudanças e esforços. Heitor teve um casamento anterior a sua união com Gustavo do qual nasceram seus 2 filhos. Após pouco tempo juntos, os filhos de Heitor foram morar com o casal e permanecem com eles por 10 anos. Gustavo relata um episódio no qual estava de

férias com Heitor e as duas crianças, Marcelo de 4 anos e Marcos de 6. Heitor havia saído e Gustavo estava com os dois meninos em um restaurante.

Na hora que colocaram o caldo de camarão na nossa mesa o Marcelo, que é o menor disse: “Eu quero ir no banheiro.” Eu disse: “Vai.” Grande experiência que eu tinha com criança! Ai ele ficou me olhando. Eu percebi que ele queria que alguém fosse junto. Eu disse: “Marcos vai com ele.” E o Marcos foi. (...) Ai veio o Marcos e disse assim: “Já acabou.” E eu falei assim: “Vem para cá” E ele falou assim: “Não ele quer que você vai lá limpar.” (risos) Nesse dia eu falei assim: “Eu acho que eu vou ter que aprender algumas coisas, abrir mão de algumas coisas.” Mas nesse dia eu já sabia que ele (Heitor) valia a pena. Eu já sabia que ele valia esse esforço. E também aquelas crianças também valiam a pena. Hoje quando eu olho uma fotografia que eu tenho, eu estou em um cajueiro com os meninos sentados na minha perna, cabelo enroladinho, na praia de Canasvieiras. Às vezes quando eu olho aquela fotografia, que coisa maravilhosa! Eu curti isso também. (**Gustavo** e Heitor)

Nesta perspectiva, a diferença passa a ser entendida a partir de um prisma positivo, como possibilidade de troca e crescimento, aprendizagem ou complementação. Osório e Valle (2002) afirmam que a palavra conjugal tem em sua raiz uma referência a “carregar o mesmo jugo” em associação ao caráter aprisionador que revestiu o casamento ao longo da história. Para esses autores, o casal contemporâneo busca afastar-se desse modelo de subordinação e aproximar-se de uma relação caracterizada por aquilo que chamam de complementaridade. Complementaridade seria a possibilidade de que um indivíduo, ao unir-se a outro, agregue valor ao projeto de vida do outro ao mesmo tempo em que se desenvolva pessoalmente. Para isso, é necessário que a relação seja antes pautada pela “cooperação do que pela competição, pelo estímulo e não pelo cerceamento do desejo de cada um, pela liberação e não pelo aprisionamento de suas respectivas vontades” (p.16).

Para Jorge a relação homossexual, por escapar de algumas convenções de gênero que delimitam as funções na relação heterossexual, tem a possibilidade de ser mais igualitária e livre.

Murilo: Vocês estão dizendo que vocês acreditam que a relação de vocês é mais livre, mais igualitária...

Jorge: Isso daí... eu acho que o relacionamento humano seria assim. É o tal do machismo e uma série de coisas que existem no mundo heterossexual que isso não é permitido. Tem até, é lógico, casais de heterossexuais que são, que tem esse tipo de relacionamento também. É uma outra coisa. Mas a maioria que são machistas é meio complicado. Na verdade o ser humano deveria ser assim. Cada um ter a sua personalidade.

A preservação de características individuais tem destacada importância na experiência dos casais. No entanto, parece haver um outro movimento que abre a possibilidade de reavaliação de algumas características, o que imprime um sentido transformador a experiência conjugal, como pode ser notado nas falas: “Eu acredito que boa parte da minha vontade de briga hoje eu devo ao Carlos” (Daniel), “É um enriquecimento eu acho. É... só vem acrescentar. Eu vou seguindo os exemplos dele.” (Eduardo e **Fábio**), “E algumas coisas eu tento aprender com ele, como ser calmo, comer devagar. Eu acho que por a gente ser muito diferente a gente aprende muito um com o outro.” (**Gustavo** e Heitor), “Então isso, por exemplo, eu aprendi com ele. Acho que isso foi uma grande evolução na minha vida. Ser menos organizado, ser mais livre, mais solto, mais aberto.” (Gustavo e **Heitor**).

Assim, os relatos dos casais são permeados de histórias de mudanças e negociações. A experiência da entrevista foi para alguns dos entrevistados o momento de rever o percurso histórico da relação e nele reconhecer as transformações operadas tanto ao nível individual quanto conjugal. Ao final de nossa

entrevista Gustavo diz: “Nós estamos aqui para mudar. Gente como eu mudei.” O casal acompanha-me até o hall de seu apartamento, onde, antes de nos despedimos, noto uma parede decorada com diferentes máscaras. Gustavo e Heitor me contam que de cada viagem que realizam, trazem uma nova máscara como lembrança. Para mim, a coleção de máscaras sintetiza o caráter transformador da experiência conjugal: o encontro com o outro e com sua diferença é a possibilidade de encenar novas faces, versões diversas de nós mesmos.

De maneira semelhante, ao encerrar a entrevista com Kleber e Luiz, vejo um álbum de fotos do casal. Luiz me explica que tem com Kleber um ritual de tirar a cada viagem uma foto praticamente igual. Mostram-me as fotos que, tal como as máscaras, evocam a permanência e as transformações. A “mesma” foto é refeita a cada viagem e em cada encontro o “mesmo” casal renasce.

TEMPO: A HISTÓRIA DE UM SONHO POSSÍVEL

As máscaras de Gustavo e Heitor e as fotos de Kleber e Luiz são imagens que expressam as transformações da relação do casal ao longo do processo histórico que compartilharam. A repetição e a simbologia dessas ações caracterizam-na como tradições ou ritos particulares do casal. Este rito parece ter a função de demarcar simbolicamente a aliança, uma vez que esses casais não compartilham de rituais coletivos que legitimem socialmente a união. Neste sentido, a troca de alianças de Carlos e Daniel, já discutida aqui, seria uma apropriação de um ritual ao mesmo tempo repetido e recriado.

Autores como Kurdek (1995) e Stiers (1999) destacam a importância dos ritos que os casais de homossexuais desenvolvem. Kurdek (1995) apresenta um

estudo com 1749 indivíduos que representavam 706 casais de lésbicas e 560 casais de gays norte-americanos dos quais 57% das mulheres e 36% dos homens adotaram algum tipo de rito para marcar a união. A meu ver, a necessidade de criar ritos está associada à necessidade de estabelecer meios de aprovação e reforço da relação, e portanto, está também associada a construção de fontes de apoio social. Kurdek (1987 e 1988) apresenta diversas pesquisas que, em resumo, destacam a importância do apoio social na construção e manutenção dos relacionamentos homossexuais, bem como suas relações com a qualidade da interação do casal.

A representação do universo social para os casais entrevistados é predominantemente ameaçadora. Ao relatar suas relações com o chamado “mundo gay” demonstram temor e necessidade de proteção. Além disso, o universo social é visto como preconceituoso e discriminatório.

Daniel: Porque o mundo que a gente conhece de casais homossexuais não é fácil. Não é há muita traição. Há um descontentamento eu não sei porque. EU acho que é uma falta de maturidade. Há uma procura.

Carlos: E no mundo homossexual tem muitas pessoas que vem e cantam, tentam entender o que está acontecendo.

Para começar, a gente compraria só um título da Recreativa. Pagaria só um título familiar. E por que? Porque estaríamos casados e o clube teria que aceitar um título para nós dois. Hoje a gente tem que comprar dois títulos e pagar duas mensalidades. Para começar daí. E para terminar nós poderíamos ser sócios do Lions, do Rotary,...
(**Gustavo e Heitor**)

Como expressa Gustavo, parece haver a noção de um certo prejuízo na medida em que existem obstáculos legais a relação. No entanto, o temor da discriminação lesa os casais de maneira mais profunda: produz uma barreira que

isola e priva-os da construção de uma rede de apoio social efetiva. Os casais enfrentam a árdua tarefa de construir uma relação, para a qual não dispõem de modelos, e fazem isso sozinhos, aumentando a angústia e diminuindo as possibilidades de auxílio.

Quando um casal hetero pensa em se separar as duas famílias entram em comunhão, por mais divergentes que elas são, para tentar unir o casal de novo. O casal homo só tem um ao outro. Porque até os amigos, tem aqueles amigos que querem ficar com um e tem aqueles amigos que querem ficar com o outro. (**Gustavo** e Heitor)

Além do mais, o discurso dos casais é marcado pela polaridade intimidade/publicidade, pelo exposto ou oculto, pelo público ou privado. A discussão acerca do segredo da relação ganha assim destacada importância. Este discurso é apresentado na literatura como o cerne da construção da noção de uma identidade homossexual. Como Sedgwick (1990) propõe, a noção do *closet*¹¹, ou seja, do sujeito que oculta algo de sua personalidade, reforça a idéia de que no segredo está a chave para a compreensão do humano. Assim, o discurso da assunção pública da homossexualidade produz a noção de que existe uma homossexualidade oculta que detém verdades e sentidos profundos e vitais.

Penso que o discurso do segredo é também presente e determinante na construção da relação homossexual, pois ao criar uma divisão entre os conhecedores (*entendidos*, como se costuma chamar aqueles familiares ao universo homossexual) e os ignorantes, cria-se também uma fronteira entre a “verdadeira” relação, restrita ao lar ou a um grupo diminuto de pessoas, e a relação socialmente apresentada. Esta

¹¹ Closet = armário

divisão torna-se particularmente importante na medida em que define que é apenas dentro do lar que a relação, e portanto os indivíduos, tornam-se “verdadeiros” “inteiros” ou “reais”.

Os ritos podem ser entendidos então, como o esforço do casal em construir um marco simbólico que ofereça apoio a uma relação ameaçada e desprotegida, na medida que confirma o vínculo estabelecido. Carlos e Daniel apresentam uma situação emblemática que reúne a apropriação de um símbolo da união heterossexual (entendida como necessidade ou desejo de aproximação do meio social), sua transformação criativa na relação homossexual e o revestimento de um sentido de proteção:

Murilo: E vocês usam, usavam...(alianças)?

Daniel: Uso, é que eu tirei junto com o relógio, está ali em cima da mesa.

Murilo: Em qual mão vocês usam?

Daniel: Eu uso na esquerda.

Carlos: Eu uso na direita. (ri)

(...)

Carlos: A aliança, é.... digamos que é o limitador dos outros observarem, nos observarem.

Murilo: Limitador?

Carlos: É. “Olha está de aliança, esse tem compromisso.”

Daniel: AH! Não sabia disso.

Carlos: É importante.

Daniel: Então é uma coleira, não uma aliança. (risos)

(...)

Murilo: Você está dizendo que a aliança é um símbolo/

Daniel: Para terceiros.

Murilo: Que indica para outras pessoas que você não é uma pessoa/

Daniel: Disponível.

Murilo: Disponível.

Daniel: Para mim, a aliança é hoje como um símbolo para mim do nosso relacionamento, do nosso contrato, do nosso pacto.

Além desse sentido legitimador, os ritos parecem funcionar como marcadores do tempo e da história. Seriam assim, registros de composições e configurações

experimentados ao longo do tempo. As máscaras de Gustavo e Heitor são particularmente expressivas neste ponto: a relação é uma encenação (ou performance) dinâmica, uma construção em dupla, que determina e é ao mesmo tempo determinada por cada um. A trajetória da relação não seria, em uma perspectiva *queer*, um caminho que leva ao encontro do que há por traz da máscara, mas sim o processo de transmutação de uma máscara, para além da qual nada existiria.

Assim Daniel relata esse processo de transmutação:

Acho que algumas coisas vão ficando pelo caminho e outras que vão aumentando com o tempo.... Por exemplo essa confiança do Carlos, essa cumplicidade tem aumentado entre a gente. A gente... hoje nós precisamos conversar muito menos para chegar em um acordo. Hoje a gente já se conhece mais. A gente se compreende... Eu acho que a gente se compreende muito mais do que a gente se compreendia no começo. Essa questão da empatia é muito mais viva, muito mais fácil de alcançar hoje do que era há um ano e meio. A gente já não tem que conversar e se explicar. Por outro lado, como todo casamento, algumas coisas a rotina vai comendo, vai deixando no meio do caminho. O nosso namoro, a gente namora muito menos do que namorava. (...) Esse romantismo de danças, a gente não dança mais coladinho. A gente gostava de fazer isso antes. A gente beijava muito mais do que a gente beija hoje. Hoje... não sei se ele vai gostar do que eu vou falar agora mas é verdade. Hoje os nossos momentos de romantismo, eles ficam mais restritos aos nossos momentos de sexo do que durante o dia todo, por exemplo. De abraçar, de beijar, de curtir, de passar a mão. (Carlos e **Daniel**)

O percurso histórico da relação é assim um processo no qual tanto os indivíduos se transformam, quanto a própria relação vai se reconfigurando na medida em que sexo, carinho, confiança e as exigências ganham novos significados e dimensões.

E tem outras maneiras de demonstrar o que eu estou falando, de demonstrar amor, carinho. Fazendo uma comida, se preocupando. É bom, é outra... é uma maturidade. (**Carlos** e Daniel)

Eu acho que muda. Muda para melhor inclusive. Porque você começa a, vamos dizer, consolidar. (...) Você começa a se adequar, melhor. (...) Você começa a ter jogo de cintura. Você começa realmente a ser meio embaixador. Você começa a pesar, prós e contras. E começa a ver que muitas coisas você pode deixar de exigir, outras coisas você pode começar a se dar mais. (Gustavo e **Heitor**)

Ao refletir acerca da história da relação, os casais buscam identificar fases ou períodos específicos, determinados pelos projetos da dupla, pelas condições materiais de vida e pela disposição afetiva. Como diz Carlos “Porque... pelo menos eu tenho consciência de que tanto eu quanto o Daniel estamos em um momento de semear.” Ou ainda como relatam Gustavo e Heitor ao relembrar o início da relação de vinte anos e a organização do primeiro apartamento do casal:

Gustavo: Era tudo... tudo era gostoso. Era a primeira casinha, era brincar de casinha. Botar aquele único quadro na parede. A primeira roupa de cama comprada para o casal. Era toda uma construção, era tudo uma ilusão. A gente tinha toda a vida pela frente.

Heitor: separar a cozinha da sala com um sofá. (ri)

Gustavo: Mas naquela época a gente também se adaptava bem, porque a gente não queria se mostrar ao todo, para o parceiro porque você ainda não tinha conquistado ele ainda.

Heitor: É verdade. Você se adaptou muito bem quando eu levei todas as minhas roupas para o seu armário. (ri)

Gustavo: É. Exatamente. Eu viajei para São Paulo. Ele estava passando uns dias no meu apartamento. Quando eu cheguei de São Paulo, a gente só tinha um armário porque era uma kittinete, minhas roupas estavam todas espremidas em dois cabides no canto. E tinham dezoito cabides do lado de cá com todas as roupinhas dele.

Os casais relatam a passagem por diferentes fases da relação, a superação dos conflitos e a negociação das diferenças ao longo do tempo, e as mudanças inerentes ao ciclo vital. Passar por isso juntos parece oferecer segurança e amparo à relação, permitindo maior tranquilidade quanto ao futuro da dupla. Como já vimos, ao longo do tempo cada um dos parceiros transforma-se, ou conforma-se ao outro, desenvolve uma linguagem particular e ressignifica sentimentos. A experiência dessas

transformações parece criar uma caução, tornando a ameaça do rompimento cada vez mais distante e o sonho de compartilhar a vida cada vez mais concreto.

“... porque eu confio no amor que ele sente por mim. Confio, devido a nossa história. Ele já foi embora do país, chegando lá sentiu muita vontade de voltar, muita saudade. Não conseguimos ficar separados e ele voltou. Aí foi quando a gente se casou, porque até então só namorávamos. A gente quase se separou por duas vezes. A gente quase separou e a gente viu que o que a gente sente um pelo outro é muito mais forte. Numa época a gente tentou mudar para São Paulo, eu fui antes, arrumei emprego e fui trabalhar para depois ele ir. A gente sofreu muito separado um do outro. Então tudo isso fez um alicerce na relação onde eu sinto que ele me ama” (Eduardo e **Fábio**)

O envelhecimento dos parceiros tem também papel importante na manutenção da relação, na medida em que traz maiores dificuldades e limites. Para Gustavo, a velhice traz um esmorecimento do vigor de investir na vida, aumentando a angústia diante de uma possível reconstrução.

É muito mais fácil dois coroaos como nós segurarmos as pontas de adverter, mesmo que as redondezas estejam agindo adversa. Ou que nós estamos adversos. Do que dois jovens de vinte anos. (...) Naquela época (início da relação), a vida era muito mais ampla. A gente contava a vida em contagem progressiva. A partir de uma certa idade você passa a contar sua vida em contagem regressiva. Você fala assim: “Se eu não fizer isso hoje, eu nunca mais vou fazer.” Naquela época não, naquela época você podia tudo. (...) Naquela época o mundo poderia desmoronar que você sabia que tinha forças para reconstruir. Hoje se o mundo desmoronar, sei lá se eu tenho força para reconstruir. (Gustavo e Heitor)

Além dessa perspectiva histórica que leva em conta o passado da relação, os casais descrevem a importância de desejar compartilhar um futuro. Os sonhos e planos são também uma forma de oferecer sustento à relação. No entanto, para que funcionem assim devem ser negociados de forma que os projetos individuais sejam preservados ao mesmo tempo em que o casal investe em planos compartilhados.

Jorge relata que teve um longo trabalho de plantar em Ivan seu sonho de mudar-se de São Paulo e vir montar em Ribeirão Preto o comércio que hoje, após 14 anos, ainda funciona:

Jorge: Eu trabalhava em uma concessionária de motos. Mas eu já estava no meio disso. Já fazia as minhas coisas, já vendia. E chegou um ponto que eu tive certeza que ia dar certo. Como era um passo importante, um projeto importante, que dependia a minha vida e a DELE também, então foi uma coisa mais estruturada. Quando eu falei vamos que vai dar certo, vai dar certo. Ele teve que acreditar em mim. Porque ele não sabia nem o que eu ia fazer.

Murilo: Inicialmente o plano era teu?

Jorge: É era meu.

Murilo: E você teve que plantar isso ...

Jorge: É no Ivan. O sonho era meu. Aí como eu percebia que ele também estava cansado de trabalhar, que ele estava de saco cheio. E achei que era a oportunidade. Peguei o ponto mais fraco dele para trazer ele comigo. Mas aí eu trouxe consciente. A minha parte eu garantia. Ele não ele estava com medo. Mas ao mesmo tempo ele confiou em mim.

A esta negociação de projetos individuais e construção de projetos coletivos, Carlos e Daniel denominam envelhecer juntos:

Murilo: E envelhecer junto é buscar equilíbrio a todo dia, porque tem sempre alguém mudando?

Daniel: Ah é.

Carlos: Toda hora, todo minuto.

Daniel: O Carlos não é o mesmo de ontem então hoje eu preciso fazer uma adaptação para estar com ele e ele a mesma coisa para estar comigo. E eu já sei que essa adaptação que eu fiz hoje já não vai ser suficiente. Amanhã vai ter outra adaptação porque ele vai ter mudado, eu vou ter mudado. Ele vai ter aprendido uma coisa nova, eu vou ter aprendido uma coisa nova. Ele vai ter tomado uma decisão que vai levar a vida dele para outro rumo e eu vou ter que pesar essa decisão para saber com é que eu vou estar do lado dele.

Finalmente, considero importante destacar um tema preponderante na entrevista com Gustavo e Heitor: o envelhecimento. Gustavo tem 46 anos de idade e Heitor 52, falaram ao longo da entrevista de como suas necessidades, atitudes,

desejos e reações mudaram ao longo do tempo. Destacam que a medida que envelhecem e sentem os limites do corpo, a vida ganha um significado diferente, sendo revestida de uma certa urgência na fruição dos prazeres. É nesse contexto que Gustavo destaca a beleza que aprendeu a enxergar com o tempo, beleza simples e cotidiana como uma árvore florida no centro da cidade. Esta sensibilidade e urgência também ganha a forma de intolerância. Gustavo, ao lembrar de sua relação de cuidado com a mãe doente, afirma que o idoso é cada vez menos tolerante pois sente dor, enfrenta limitações importantes e vive certo isolamento social. Para uma sociedade de consumo na qual o novo é sempre um apelo, o velho tende a ser descartado e rejeitado. Assim, Gustavo vê em sua relação com Heitor um possível refúgio, no qual poderia suportar as dificuldades da senilidade.

Quando às vezes entra uma senhora de setenta e oito anos na minha loja eu já fico com um pé atrás. Eu espero que uma das minhas vendedoras atenda e resolva o problema dela porque ele vai me dar canseira. Naturalmente a sociedade isola. Se isolar os dois aos mesmo tempo eu acho que os dois, um vai se agarrar mais ao outro e a relação vai crescer. Agora se um dos dois fisicamente, intelectualmente, mantiver um nível e o outro entrar em uma decadência rápida, aí vai criar um problema para a relação.

Gente, quando eu vejo dois oitentões, ou... como na época não tinha casais gays, ou um oitentão e uma setentona, eu olho para ele se comento para o L: “L será que a gente vai chegar assim? Olha que delícia.” (**Gustavo** e Heitor)

O desejo de envelhecerem juntos, no entanto, não é particularidade de Gustavo e Heitor. Todos os casais relatam o desejo de construir uma história em comum e o esforço na sustentação desse ideal. Além do preconceito, impedimentos legais e isolamento social, parece-me que, na busca da realização desse sonho um outro desafio precisa ser enfrentado: vencer a comumente repetida crença de que casais homossexuais são incapazes de estabelecer relações estáveis. Da mesma forma

que a homossexualidade foi historicamente produzida e revestida de características negativas a fim de sustentar a noção de uma determinada normalidade heterossexual, a relação homossexual precisa ser inconstante, vulnerável, promíscua, narcisista e imoral para que se mantenha a noção de uma relação heterossexual padrão, normal, saudável e sobretudo, natural.

ENCONTROS: TRANSFORMAÇÕES E ESPERANÇAS

Como foi apresentado ao longo desse texto, o processo de construção da relação homossexual é marcado pela busca de modelos de relacionamento e desenvolvimento criativo de um estilo particular de conjugalidade, pelo esforço de negociação das diferenças e acolhimento as mudanças, pela produção de ritos que circunscrevem, marcam o tempo e oferecem a segurança da tradição dentro da relação e pelo contínuo diálogo com as instâncias sociais que muitas vezes limitam e isolam a experiência conjugal desses casais.

Conversar com esses casais foi para mim uma experiência de grande enriquecimento, na qual tive a possibilidade de compartilhar histórias de intimidade, dividir pensamentos e sentimentos. Como homem, esses diálogos foram provocativos e inquietantes, fazendo-me voltar a minha própria experiência e reconhecer nela muito da alegria, dor e esperança que estes casais relataram. Como psicólogo, a compreensão que hoje tenho acerca da construção desses relacionamentos despertou-me para a necessidade de construir uma psicologia que possa oferecer resposta ou conforto para alguns dilemas vividos por eles. Mais ainda, uma psicologia que repare

o prejuízo que ajudou a criar ao abordar a homossexualidade de maneira estigmatizante, ao contribuir com a patologização e o conseqüente isolamento dessas relações e ao negar abertura à compreensão de experiências singulares e variadas.

A entrevista com Eduardo e Fábio foi particularmente marcante para mim. A relação de seis anos do casal estava particularmente abalada naquele momento. Há poucas semanas Fábio havia descoberto que Eduardo se encontrara com outra pessoa e ambos consideravam a possibilidade (ou impossibilidade) de permanecerem juntos. Eduardo tentava lidar com a culpa e arrependimento e Fábio sentia-se traído e questionava se seu amor e investimento na relação estava sendo retribuído. Assim, a entrevista que realizei com eles foi ao mesmo tempo um momento no qual o casal buscou oferecer-me uma compreensão da relação, e uma parte do processo de entendimento, negociação e reconstrução de seus sentimentos. Penso que nossa experiência foi tanto investigativa quanto terapêutica.

Murilo: E como é que foi fazer a entrevista? O que vocês acharam dessa experiência?

Eduardo: Eu achei tranquilo (...) Eu estranhei eu falar isso para uma pessoa que eu não conheço. Porque eu não costumo dizer para as pessoas que eu sou gay. (...) Então eu acho que me superei.

Fábio: Às vezes por falar tudo o que... toda a realidade. Você fazer uma fantasia é uma coisa, agora você falar toda a realidade como eu estou dizendo aqui... de sentir às vezes a relação (...) mas às vezes eu senti por toda a conversa, por todo o andar da carruagem da entrevista, eu me sinto às vezes muito assim é... menos amado e mais amante. Isso cria um certo peso. Às vezes no decorrer da entrevista eu me senti pesado, meio enorme.

Murilo: Sentiu assim durante a entrevista?

Fábio: Um pouco durante a entrevista e um pouco porque eu estava irritado com o tempo. A noite eu falei assim para ele: “Nossa eu passei um dia de cão hoje, irritadíssimo.” E eu dormi muito bem essa noite. Porque na entrevista ... eu dormi muito bem sem problema algum. Mas remoer e colocar isso para fora, tocar naquele assunto da traição, aquela coisa toda, me incomodou um pouquinho. Tudo coisas que são normalidades e que amanhã já acabou, hoje já acabou. Mas é pesado, eu acho que é bem pesado. É forte, porque você contar uma história de alguém é uma coisa, você contar a sua história e por para fora, aí já torna um pouco mais sensível, mais pesado. Mas por isso mesmo eu achei a entrevista maravilhosa. Porque conseguiu mexer.

Fábio relata que após o primeiro dia de nossa entrevista foi procurar uma amiga, que havia sido sua terapeuta no passado. Entendo que a entrevista despertou em Fábio a necessidade de considerar sua vida e sua relação, levando-o a buscar os recursos que já havia experimentado. No entanto, ele relata que esta amiga parecia não estar atenta e sensível a seus sentimentos. Ao término de nosso trabalho, Fábio afirma estar melhor e eu percebo a proximidade entre os dois. Antes que eu fosse embora, Eduardo levantou do sofá onde estávamos e colocou um CD que havia gravado para Fábio na tentativa de reaproximar-se dele após um rompimento há alguns anos. Emocionados, escutamos em silêncio uma canção romântica. Por fim, ao ir embora, eu observei pelo retrovisor Eduardo e Fábio, lado a lado, na varanda de seu apartamento, acenando em despedida.

Para Gustavo e Heitor a entrevista também parece ter evocado esse sentido terapêutico:

Gustavo: Para te falar a verdade para mim fez muito bem tudo isso aí. Porque repensar a relação para mim é muito bom. O Heitor é uma pessoa que discute muito pouco a relação. E eu adoro discutir minha vida, falar da minha vida, analisar a minha vida. Eu acho que se eu fosse um cara que tivesse tempo e dinheiro eu ia ser um cara que ia fazer análise sempre. Mas falta tempo, dinheiro e vontade. Então eu acho gostoso.

Heitor: Mas com esse psicólogo talvez você possa fazer. (ri)

Gustavo: Ainda mais com um psicólogo como esse que é bem melhor do que o meu, que o meu falava mais que eu. (risos) Pelo menos ele me deixou falar. Mas é gostoso a gente falar da gente e tentar analisar a gente, sendo dirigido nessa análise porque você relembra algumas coisas boas, algumas coisas ruins, você repensa, e de repente você acaba se valorizando muito mais. Realmente eu estou saindo dessa melhor do que eu entrei... Eu nunca fiz terapia familiar, para mim é um caminho, achei interessante.

A partir disso, penso que vale discutir brevemente a história e as perspectivas de trabalho psicológico com casais homossexuais. Os casais mostraram ao término

das entrevistas, preocupação e desejo de ter o resultado da investigação traduzido em mudanças reais e concretas que promovam uma melhora da qualidade de vida dos casais homossexuais. Para Fábio, uma dessas mudanças seria a criação de contextos psicoterápicos que acolhessem casais homossexuais, e que para tanto, teriam de se sustentar em informação e técnica que permitissem a transposição do preconceito.

Fábio: Eu estimo que realmente você possa ter bastante sucesso com o seu trabalho. Que realmente possa ajudar o nosso meio.

Murilo: É, eu acho que a expectativa é essa. Que possa contribuir.

Fábio: E os tratamentos inclusive (...) E não precisaria de tanto preconceito. Só que existem casais que sempre vão ter problemas. E por que não? E com quem discutir essa relação? Você vai a um psicólogo explicar o lado homossexual, alguns não entendem ou levam para um lado... eu já fiz terapia... levam para um lado muito exagerado.

A história da relação da psicologia com a homossexualidade é marcada pelo preconceito e as implicações dessa história ganham importância se considerarmos, conforme Silverstein (1997), que os profissionais de saúde mental, tais como psiquiatras e psicólogos, são vistos socialmente como os “guardiões” das atitudes da sociedade, na medida em que definem padrões de comportamentos entendidos como normais e instruem os indivíduos dentro desses padrões. Este autor aponta que antes dos anos 70 não havia nenhum tratamento alternativo estabelecido para gays em Nova Iorque. Naquela época, virtualmente todo terapeuta definia a mudança da orientação sexual de um paciente homossexual como o objetivo do tratamento psicoterápico.

Foi apenas em 1973, após um longo e árduo debate, que a homossexualidade deixou de figurar como uma categoria no DSM¹². Silverstein (1997), que participou ativamente dessas negociações aponta que o grupo formado pelos psiquiatras psicanalistas constituíram a principal oposição a esta decisão. Segundo este autor:

(...) os psicanalistas estavam intransigentes na crença de que o comportamento homossexual era aberrante, e condenaram gays a uma vida de solidão, depressão e em casos extremos, suicídio. Apenas a psicanálise pode salvar o homossexual de si mesmo, dizia o mais pomposo dos analistas (Silverstein, 1997).

Outros autores apontam que a psicanálise, além de ter oferecido uma leitura estigmatizante e prejudicial da homossexualidade, também foi bastante limitada na compreensão da doença mental severa e da psicologia das mulheres (Auchincloss & Vaughan, 2001). Esses autores afirmam que este equívoco histórico trouxe um prejuízo a psicanálise implicando em um certo distanciamento entre essa ciência e essas temáticas. Apesar desses autores apontarem para a necessidade de superação dessa leitura teórica estigmatizante, alguns psicanalistas e terapeutas insistem em reivindicar para si o direito de atuarem como transformadores de identidades ou orientações sexuais. Para alguns terapeutas, a mudança do DSM e as diretrizes da APA constituíram mudanças que pouco ajudaram os profissionais psicólogos e seus pacientes, como afirma Berger:

Entretanto essas mudanças não foram úteis aos terapeutas cujo treino psicodinâmico e experiência clínica oferecem uma visão bastante diferente da “politicamente correta”. Tampouco foram úteis aqueles pacientes descontentes com seus desejos e práticas homossexuais...Eu sugiro aos terapeutas que a

¹² DSM – Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (manual estatístico e diagnóstico de desordens mentais)

compreensão e tratamento psicodinâmico de tais pacientes continua sendo uma ajuda válida. (1994, p.252)

No contexto brasileiro temos desde 1976 o Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC) que fundados em crenças judaico-cristãs compreendem a homossexualidade como uma condição de sofrimento e pecado, necessitando portanto de acompanhamento. Foi em reação a organização desse movimento que em 1994 o Conselho Federal de Psicologia definiu as diretrizes nacionais que orientam o trabalho do psicólogo junto à população homossexual. Dez anos após a publicação dessas diretrizes, ainda encontra-se no site do CPPC artigos que preservam a compreensão da homossexualidade como inevitável condição de sofrimento. De maneira semelhante, Rubinstein (1995) apresenta um estudo, desenvolvido em Israel, no qual investigou a influência da sexualidade do paciente sobre a avaliação que seu terapeuta faz de sua saúde mental. Conclui que, apesar dos esforços da APA, os terapeutas atribuem maior gravidade ao estado mental dos pacientes homossexuais que aos pacientes heterossexuais.

Assim, muito esforço e pesquisa parecem ser necessários para o desenvolvimento de uma psicologia mais aberta e acolhedora. A princípio, esta pesquisa aponta para a necessidade de oferecer um contexto de discussão, no qual os casais pudessem avaliar a experiência conjugal. Penso que as técnicas de grupo, amplamente utilizadas na psicologia, podem ser uma ferramenta importante na conquista de tais contextos, uma vez que além de prover um ambiente reflexivo seguro e acolhedor, permitiriam o desenvolvimento e fortalecimento de uma rede de apoio.

Os casais que entrevistei mostraram satisfação ao serem ouvidos. Muitos solicitaram que eu retornasse para mostrar-lhes os resultados, como se pedissem a mim, que para eles representava a universidade e a psicologia, além da escuta também a fala. A minha fala tardia, elaborada na forma dessa dissertação, certamente chegará a eles. Meu desejo é de que com ela, eu leve também minha contribuição a uma psicologia mais acolhedora, de escuta e fala, de compreensão e transformação.

É tempo de reconhecer que homens e mulheres homossexuais são capazes de relacionamentos íntimos e duradouros, de viver vidas íntegras e com rigor moral, de tratar os doentes e educar crianças. (Roughton, 2001, p.1189)

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, C. D., **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- AUCHINCLOSS, E. L. & VAUGHAN, S. C., Psychoanalysis and homosexuality: do we need a new theory? *In: The journal of the american psychoanalytic association*, v.49, n.4, pp.1157-1185, 2001.
- BERGER, M. B., The psychotherapeutic treatment of male homosexuality. *In: American journal of psychotherapy*, v.48, n.2, pp.251-261, 1994.
- BERGER, R. M., Passing, the impact on the quality of same-sex couple relationships. *In: Social worker*, v.35, n.4, pp. 328-332, 1990.
- BOARDIEU, P., O espírito da família. *In: _____*. **Razões práticas**. Campinas: Papirus, pp.124-135, 1996.
- BOGDAN, R. & BIKLEN, S., **Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto-Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOLTE, A., Do wedding dresses come in lavender? The prospects and implications of same-sex marriage. *In: LEMANN, J. M. (Org.), The gay & lesbian marriage & family reader. Analyses of problems and prospects for the 21st Century*. New York: Gordian Knot Books, pp. 25-46, 2001.
- BUTLER, J., **Gender Trouble – Feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.
- CARDOSO, C. L. & FERREIRA, M. C., Identidade de gênero e satisfação conjugal. *In: PSIQUE – Revista do Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e Letras – FAHL/FINP*, n. 7, outubro, 1995.
- CASTELLS, M., O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. *In: _____*. **O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, pp.168-285, 1999.
- CLARK, W. M. & SEROVICK, J. M., Twenty years and still in the dark? Content analysis of articles pertaining to gay, lesbian and bisexual issues in marriage and family therapy journals. *In: Journal of marital and family therapy*, v. 23, n. 3, pp. 239-253, 1997.
- CLARKE, C. et al., Twenty-five years after Stonewall: Looking backward, moving forward. *In: DUBERMAN, M. (Ed.), A queer world – the center for lesbian and gay studies reader*. New York: New York University Press, pp.262-279, 1997.
- COSTA, J. F., **A inocência e o vício. Estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

COSTA, J. F., **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DENZIN, N. K., The practices and politics of interpretation. *In*: DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. (Eds.), **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks-California: Sage Publications, pp. 897-922, 2000.

DEVITO, J. A., **Theory and research in gay and lesbian relationships**. New York: Grune & Stratton, 1999.

FÉRES-CARNEIRO, T., A escolha amorosa e a interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. **Psicologia: reflexão e crítica**, v.10, n. 2, pp. 351-368, 1998.

FÉRES-CARNEIRO, T., Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: reflexão e crítica**, v.11, n. 2, pp. 379-394, 1998.

FIGUEIRA, S. A., O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. *In*: _____ (Org), **Uma nova família**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., pp. 11-30, 1987.

FONTANA, A. & FREY, J. H., Interviewing: the art of science. *In*: DENZIN N. K. & LINCOLN Y. S. (Eds.), **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks-California: Sage Publications, pp. 361-376, 2000.

FOUCAULT, M., **História da sexualidade – a vontade de saber**. V. 1, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

FOUCAULT, M., **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GAMSON, J., Sexualities, *queer* theory, and qualitative research. *In*: DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. (Eds.), **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks-California: Sage Publications, pp. 347-365, 2000.

GIDDENS, A., **A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

HEILBORN, M. L., Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. *In*: PARKER, R & BARBOSA, R. M. (Orgs.), **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, pp. 136-145, 1996.

HOUAISS, A. & VILLAR, M., **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.

JAGOSE, A., **Queer theory. An introduction**. New York: New York University Press, 1996.

JANESICK, V., The choreography of qualitative research design. Minuets, improvisations and crystallizations. *In: DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. (Eds.), **Handbook of qualitative research***. Thousand Oaks-California: Sage Publications, pp. 379-400, 2000.

KATZ, J. N., "Homosexual" and "heterosexual": questioning the terms. *In: Duberman, M. (Ed.), **A queer world – the center for lesbian and gay studies reader***. New York: New York University Press, pp.177-180, 1997.

KURDEK, L. A., Lesbian and gay couples. *In: D'AUGELLI, A. R. & PATTERSON, C. J. (Eds.), **Lesbian, gay, and bisexual identities over the lifespan: psychological perspectives***. New York: Oxford University Press, pp. 243-261, 1995.

KURDEK, L. A., Percieved social support in gays and lesbians in cohabitating relationships. *In: **Journal of personality and social psychology***, v.54, n. 3-4, pp. 504-509, 1988.

KURDEK, L. A. & SCHIMITT, J. P., Percieved emotional support from family and friends in members of homosexual, married and heterosexual cohabiting couples. *In: **Journal of homosexuality***, v.14, n. 3-4, pp. 57-68, 1987.

KURDEK, L. A. & SCHIMITT, J. S., Interaction of sex role self-concept with relationship quality and relationship beliefs in married, heterossexual cohabiting, gay, and lesbian couples. *In: **Journal of personality and social psychology***, v. 51, n. 2, pp. 365-370, 1986.

LASALA, M. C., Gay male couples: the importance of coming out and being out to parents. *In: **Journal of homosexuality***, v. 39, n 2, pp. 47-71, 2000.

LINCOLN, Y. S. & DENZIN N. K., The seventh moment. *In: DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. (Ed.), **Handbook of qualitative research***. Thousand Oaks-California: Sage Publications, pp. 1047-1065, 2000.

LOURO, G. L., Teoria *queer* – uma política pós-identitária para a educação. *In: **Revista de estudos feministas***, v. 9, n. 2, pp.124-135, 2001.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D., **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACDONALD, B. J., Issues in therapy with gay and lesbian couples. *In: **Journal of sexual and marital therapy***, v. 24, n.3, pp. 165-190, 1998.

MARCUS, E., **Together forever**. New York: Anchor Books, 1998.

MENDELSON, D., **The elusive embrace: desire and the riddle of identity**. New York: Vintage Books, 2000. (citação recebida por e-mail de J. L. Speranza, em 24/11/02).

MINAYO, M. C. S., **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Hucitec–Abrasco, 1992.

MOTT, L. R. B., Escravidão e homossexualidade. *In*: VANIFAS, E. (Ed.), **História da sexualidade no Brasil**. São Paulo: Edições Graal, pp.19-40, 1986.

MOTT, L.R.B. Relações raciais entre homossexuais no Brasil colonial. **Revista brasileira de história**, v. 10. pp. 89-122, 1985.

NAVARRO, P & DIAZ, C., Analisis de contenido. *In*: DELGADO, J. M. & GUTIERREZ, J. (Eds.), **Metodos y tecnicas cualitativas de investigación em ciencias sociales**. Madrid: Ed. Sinteses, p.177-240, 1995.

NETO, O. C., O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, M. C. (Org.), **Pesquisa social – teoria, método e criatividade**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, pp. 51-66, 1993.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M., Mal-estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos. *In*: FIGUEIRA, S. A. (Org), **Cultura da psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, pp. 147-168, 1985.

OSÓRIO, L. C. & VALLE, M. E., Dinâmica das relações conjugais: uma visão contemporânea. *In*: **Terapia de famílias: novas tendências**. Porto Alegre: Artmed, pp. 09-16, 2002.

PARKER, R., **A construção da solidariedade. Aids, sexualidade e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS, UERJ, 1994.

PERLONGHER, N., O desaparecimento da homossexualidade. *In*: LANCETTI, A.(Org), **Saúde e loucura**. n. 3, São Paulo: Hucitec, pp. 38-45, 1992.

RICHARDSON, L., Writing – a method of inquiry. *In*: DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. (Eds.), **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks-California: Sage Publications, pp. 923-948, 2000.

ROUGHTON, R. E., Four men in treatment: an evolving perspective on homosexuality and bisexuality, 1965 to 2000. *In*: **The journal of the american psychoanalytic association**, v. 49, n. 4, pp. 1187-1217, 2001.

RUBINSTEIN, G., The decision to remove homosexuality from DSM: twenty years later. *In*: **American journal of psychotherapy**, v. 49, n. 3, p. 251-261, 1995.

SARTEC, M., A homossexualidade na Grécia antiga. *In*: ARIES, P. & BEJIN, A., **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, pp. 46-67, 1986.

SEDGWICK, E. K., **Epistemology of the closet**. Berkeley-California: University of California Press, 1990.

SEIDMAN, S., The productivity of the closet. *In*: LEMERT, C. (Ed.), **Social theory – the multicultural and classical readings**. Boulder: Westview Press. pp. 658-660, 1998.

SILVERMAN, D., Analyzing talk and text. *In*: DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. (Eds.), **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks-California: Sage Publications, pp. 821-834, 2000.

SILVERSTEIN, C., Origin of gay psychotherapy movement. *In*: DUBERMAN, M. (Ed.), **A queer world**. New York: New York University Press, pp. 358-380, 1997.

SMITH, R. B. & BROWN, R. A., The impact of social support on gay male couples. *In*: **Journal of homosexuality**, v. 33, n. 2, pp. 39-61, 1997.

SOUZA, M. A. & FERREIRA, M. C., Identidade de gênero masculina em civis e militares. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 10, n. 2, pp. 301-314, 1997.

STIERS, G. A., **From this day forward: commitment, marriage, and family in lesbian and gay relationships**. New York: St. Martins's Griffin, 1999.

TERTO-JÚNIOR, V., Homossexuais soropositivos e soropositivos homossexuais: questões da homossexualidade masculina em tempos de aids. *In*: PARKER, R. e BARBOSA, R. M., **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, pp. 90-104, 1996.

VAITSMAN, J., **Flexíveis e plurais. Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.

VALLES, M. S., **Técnicas cualitativas de investigación social – reflexión metodológica e prática profissional**. Madrid: Editora Síntesis, 1997.

VEYNE, P., A homossexualidade em Roma. *In*: Aries, P. & Bejin, A., **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, pp.39-49, 1986.

WEEKS, J., Sexual identification is a strange thing. *In*: LEMERT, C. (Ed.), **Social theory – the multicultural and classical readings**. Boulder: Westview Press. pp. 571-574, 1991.

ANEXO A
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

Of.CEtP/012/2002/26.3.2002

Senhor Pesquisador:

Comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado "CONSTRUINDO A DIFERENÇA: A INTIMIDADE CONJUGAL EM CASAIS DE HOMOSSEXUAIS MASCULINOS" foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 18ª Reunião Ordinária, realizada em 26/03/2002, e enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº **046/2002** - 2002.1.116.59.2.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Prof. Dra. Eúcia Beatriz Lopes Petean
Coordenadora do CEP-FFCLRP-USP

Ilustríssimo Senhor
Murilo dos Santos Moscheta
Departamento de Psicologia e Educação - FFCLRP-USP

com cópia para Dr. Manoel Antonio dos Santos

CEP-FFCLRP-USP - Fone: (016) 602-3670 / 602 3644 - Fax: (016) 633-2660 (direto)
Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco A - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil

ANEXO B

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Apresentação

Meu nome é Murilo dos Santos Moscheta, sou psicólogo e estudante do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP. Sou pesquisador-responsável de um estudo que tem por objetivo investigar de que forma se desenvolve e como se caracteriza o relacionamento conjugal homossexual. O pesquisador orientador é o Prof. Manoel Antônio dos Santos, psicólogo (CRP 06-26413-2) e professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, coordenador do NEPP (Núcleo de Estudo e Pesquisa em Psicologia Clínica – fone 602 3645).

Para realizar este estudo precisaremos da colaboração de alguns casais de homossexuais masculinos e por isso gostaríamos de poder contar com a participação de vocês. Para que vocês participem, pedimos que leiam o seguinte Termo de Consentimento.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que estamos de acordo com a participação voluntária nesse estudo, respondendo a uma entrevista. No entanto, se não nos sentirmos à vontade com alguma questão, estamos cientes de que podemos deixar de respondê-las, sem que este fato nos traga qualquer prejuízo.

Assim, aceitamos voluntariamente participar desta atividade, não tendo sofrido nenhuma forma de pressão para isso.

Sabemos que estas informações poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e que nossa identificação será mantida sob sigilo, garantindo assim nosso anonimato. Por isso, autorizamos ainda que as sessões sejam gravadas, para que não se deixe passar despercebido nada do que foi conversado e que possa ser um dado relevante para o estudo.

Declaramos ainda estarmos ciente de que:

- 1) A realização da atividade deste estudo (entrevista) ocorrerá em nossa residência ou em outro local reservado, de acordo com nossa conveniência. Essa entrevista será realizada em aproximadamente dois encontros, que durarão em torno de uma hora cada. Eles ocorrerão em dias previamente agendados, de acordo com nossa disponibilidade e do pesquisador.
- 2) Caso aceitemos, seremos primeiramente entrevistados e responderemos questões sobre nossa vida conjugal, sobre a história de nosso relacionamento afetivo, sobre